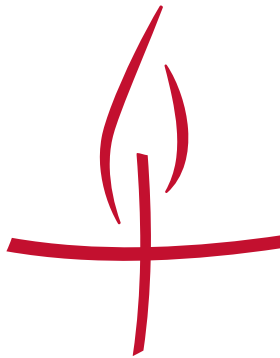


A BÍBLIA





A *cruz* sintetiza a fé em Jesus Cristo, que, em razão de sua vida, foi morto e ressuscitado. A *chama* simboliza a vivacidade do Espírito Santo e expressa o dinamismo vital da esperança cultivada pela fé. A *cruz e a chama*, unificadas, convidam a entrar no caminho de Jesus Cristo e a testemunhar a luz e a esperança de vida em abundância para todos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A Bíblia / São Paulo : Paulinas, 2023.
1984 p.
ISBN 978-65-5808-213-2 (Flexível)
ISBN 978-65-5808-218-7 (Zíper)
ISBN 978-65-5808-246-0 (Encadernada)

1. Bíblia
23-2105

CDD 220

Índice para catálogo sistemático:
1. Bíblia

1ª edição – 2023
1ª reimpressão – 2023

Nihil obstat

Dom Pedro Carlos Cipollini

BISPO DIOCESANO DE SANTO ANDRÉ, SP
PRESIDENTE DA COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL
PARA A DOCTRINA DA FÉ
BRASÍLIA, 07 DE FEVEREIRO DE 2023

Imprimatur

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE, MG
PRESIDENTE

Dom Joel Portella Amado

BISPO AUXILIAR DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, RJ
SECRETÁRIO GERAL
BRASÍLIA, 17 DE FEVEREIRO DE 2023

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
editora@paulinas.com.br
© Pia Sociedade Filhas de São Paulo
São Paulo, 2023
Todos os direitos reservados



Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br
Telemarketing e SAC:
0800-7010081

ABPO60PIA – 30M – NPI 434.239

— APRESENTAÇÃO —

A leitura e escuta atenta da Bíblia é oportunidade de encontro com a misteriosa presença da Palavra de Deus, gerando experiências de fé e vida nas pessoas e comunidades.

Inspiradas no Apóstolo Paulo (“Ai de mim se não anuncio o evangelho” [1Cor 9,16]) e motivadas pelas palavras de seu fundador, o Bem-aventurado Pe. Tiago Alberione, as Irmãs Paulinas levam adiante esse mandato da evangelização: “Se se deseja que a leitura da Bíblia produza frutos nas pessoas, é preciso guiá-las à leitura do Livro Sagrado com o vivo desejo de nele encontrar Jesus Cristo, o dom de Deus: lê-la com humildade, fé, oração, desejo de mudar de vida. Insista-se, portanto, muitas vezes e de todas as formas possíveis, na necessidade e modo de ler os Santos Livros” (*Apostolado das Edições*, p. 167).

Assim, atenta aos sinais dos tempos e à caminhada da Igreja, com ousadia e fé, Paulinas Editora acolheu da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em 2007, o impulso para o desafio de traduzir os textos bíblicos. “Desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo [...]; é condição indispensável o conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus [...]. É preciso fundamentar nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus” (*Aparecida*, 247).

Ao longo de quinze anos, as Irmãs Paulinas e seus colaboradores dedicaram-se ao projeto da tradução dos textos bíblicos. Após a publicação do Novo Testamento (2015), dos Salmos (2017) e do Pentateuco (2021), chega até você a edição completa de A Bíblia.

A tradução de A Bíblia, feita diretamente do hebraico, aramaico e grego, tem linguagem fluente e utiliza-se das pesquisas bíblicas mais recentes na busca de fidelidade às línguas originais. Para auxiliar a compreensão do texto bíblico, foram elaboradas introduções e notas explicativas. Elas se caracterizam pelos comentários de perícopes e abundante referência intertextual, atentas ao caráter literário e ao contexto histórico e geográfico. É um valioso apoio à reflexão teológica, à leitura espiritual, ao estudo acadêmico e à celebração litúrgica da fé. A Bíblia é, portanto, uma contribuição para que “o estudo da Sagrada Escritura” se torne “uma porta aberta para todos os crentes” (*Evangelii Gaudium*, 175).

Paulinas Editora reconhece que a tradução do texto bíblico é apenas o término de uma etapa importante. O empenho na missão evangelizadora continua, a fim de que A Bíblia chegue às mãos e ao coração das pessoas e de que o verdadeiro encontro com Jesus Mestre “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6) se realize na vida de todos.

- DIREÇÃO e COLABORAÇÃO -

Direção-geral	Ágda França
Direção editorial da obra	Vera Ivanise Bombonato
Tradução, introdução e notas	
Alessandra Serra Viegas	Ne
Carlos Henrique de Jesus Nascimento	Ef
Cláudio Vianney Malzoni	Mc, Jo, Rm, Fl, 1-2Ts, 1-3Jo
Elizângela Chaves Dias	Gn, Lv
Fabrizio Zandonadi Catenassi	Nm (introdução e notas), Esd
Jean Richard Lopes	Dn, 1-2Pd
José Lucas Brum Teixeira	Tb, Jt, Sb, Eclo, Br
José Tolentino Mendonça	Tg
Leonardo Agostini Fernandes	Dt, Rt, Ecl, Tt
Leonardo Pessoa da Silva Pinto	1-2Mc
Luisa Maria Almendra	Jó, Pr
Luiz Romulo Fernandes Saloto	Hb
Maria de Lourdes Corrêa Lima	Est, Ez, Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, MI
Matthias Grenzer	Ex, Sl, Ct
Nelson Kilpp	Jr
Paulo Augusto de Souza Nogueira	Ap
Pedro Lima Vasconcellos	Cl, 1-2Tm
Renatus Porath	Is
Rivaldave Paz Torquato	Lm
Vicente Artuso	Nm (tradução)
Walter Eduardo Lisboa	Js, Jz, 1-2Sm, 1-2Rs, 1-2Cr, Mt, Lc, At
Zuleica Silvano	1-2Cor, Gl, Fm, Jd
Revisão exegetica	
Cláudio Vianney Malzoni	Mt, Lc, At, 1-2Cor, Gl, Cl, 1-2Tm, Tt, Fm, Hb, 1-2Pd, Jd, Ap
Leonardo Agostini Fernandes	Sl
Leonardo Pessoa da Silva Pinto	Jt
Matthias Grenzer	Gn, Lv, Nm, Dt, Js, Jz, Rt, 1-2Sm, 1-2Rs, 1-2Cr, Esd, Ne, Est (hebraico), Jó, Pr, Ecl, Is, Jr, Lm, Ez, Dn (hebraico e aramaico), Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, MI, Tg
Pedro Lima Vasconcellos	Ef
Renatus Porath	Sl
Walter Eduardo Lisboa	Tb, Est (grego), 1-2Mc, Sb, Br, Dn (grego), Mc, Jo, Rm, Fl, 1-2Ts, Hb, 1-3Jo
Revisão literária	Anoar Jarbas Provenzi
Revisão geral	Equipe Paulinas
Capa	Cláudio Pasto [†]
Diagramação	Sociedade Bíblica do Brasil
Direções-gerais anteriores	Bernadete Boff e Flávia Reginatto

ABREVIATURAS e modo de citar

Ab	Abdias	Hab	Habacuc	Ne	Neemias
Ag	Ageu	Hb	Hebreus	Nm	Números
Am	Amós	Is	Isaías	Os	Oseias
Ap	Apocalipse	Jd	Judas	1Pd	1 Pedro
At	Atos dos Apóstolos	Jl	Joel	2Pd	2 Pedro
Br	Baruc	Jn	Jonas	Pr	Provérbios
Cl	Colossenses	Jó	Jó	Rm	Romanos
1Cor	1 Coríntios	Jo	João	1Rs	1 Reis
2Cor	2 Coríntios	1Jo	1 João	2Rs	2 Reis
1Cr	1 Crônicas	2Jo	2 João	Rt	Rute
2Cr	2 Crônicas	3Jo	3 João	Sb	Sabedoria
Ct	Cântico dos Cânticos	Jr	Jeremias	Sf	Sofonias
Dn	Daniel	Js	Josué	Sl	Salmos
Dt	Deuteronômio	Jt	Judite	1Sm	1 Samuel
Ecl	Eclesiastes (Coélet)	Jz	Juízes	2Sm	2 Samuel
Eclo	Eclesiástico (Sirácida)	Lc	Lucas	Tb	Tobias
Ef	Eféssios	Lm	Lamentações	Tg	Tiago
Esd	Esdras	Lv	Levítico	1Tm	1 Timóteo
Est	Ester	Mc	Marcos	2Tm	2 Timóteo
Ex	Êxodo	1Mc	1 Macabeus	1Ts	1 Tessalonicenses
Ez	Ezequiel	2Mc	2 Macabeus	2Ts	2 Tessalonicenses
Fl	Filipenses	Ml	Malaquias	Tt	Tito
Fm	Filémon	Mq	Miqueias	Zc	Zacarias
Gl	Gálatas	Mt	Mateus		
Gn	Gênesis	Na	Naum		

Modo de citar

A *vírgula* (,) separa capítulo de versículo

ex: *Mt 1,1*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículo 1

O *ponto e vírgula* (;)

(a) separa capítulos de um mesmo livro

ex: *Mt 1,1; 3,24*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículo 1, e Mateus, capítulo 3, versículo 24

(b) separa capítulos de livros diferentes

ex: *Mt 1,1; Lc 1,2*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículo 1, e Lucas, capítulo 1, versículo 2

O *ponto* (.) separa versículos não seguidos

ex: *Mt 2,2.5*: lê-se Mateus, capítulo 2, versículo 2 e versículo 5

O *hífen* (-) indica versículos seguidos

ex: *Mt 1,2-17*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículos de 2 a 17

O *traço* (-) indica sequência de capítulos

ex: *Mt 1-3*: lê-se Mateus, capítulos de 1 a 3;

Mt 1,1-3,1: lê-se Mateus, do capítulo 1, versículo 1, ao capítulo 3, versículo 1

OBS: As diferentes divisões existentes nos livros não são originais. As divisões de capítulos são atribuídas ao arcebispo Estêvão Langton (século XIII), enquanto os versículos procedem do editor Robert Estienne (1551). Também a pontuação moderna é uma decisão editorial, visto que os mais antigos códices carecem dela. E, finalmente, a divisão em perícopes com seus subtítulos são indicadores proporcionados pelos tradutores com o intuito de facilitar a leitura.

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Direção e colaboração.....	6
Abreviaturas e modo de citar.....	7

Antigo Testamento

Introdução ao Antigo Testamento.....	13
--------------------------------------	----

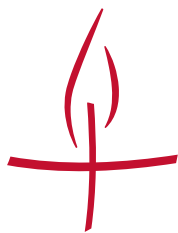
Livro	Abr.	Pág.	Livro	Abr.	Pág.
PENTATEUCO			Provérbios.....	Pr.....	986
Gênesis.....	Gn.....	15	Eclesiastes (Coélet).....	Ecl.....	1028
Êxodo.....	Ex.....	84	Cântico dos Cânticos.....	Ct.....	1042
Levítico.....	Lv.....	144	Sabedoria.....	Sb.....	1051
Números.....	Nm.....	188	Eclesiástico (Sirácida).....	Eclo.....	1081
Deuteronômio.....	Dt.....	249			
LIVROS HISTÓRICOS			PROFETAS		
Josué.....	Js.....	296	Isaias.....	Is.....	1150
Juizes.....	Jz.....	331	Jeremias.....	Jr.....	1240
Rute.....	Rt.....	364	Lamentações.....	Lm.....	1328
1 Samuel.....	1Sm.....	371	Baruc.....	Br.....	1340
2 Samuel.....	2Sm.....	411	Ezequiel.....	Ez.....	1352
1 Reis.....	1Rs.....	445	Daniel.....	Dn.....	1416
2 Reis.....	2Rs.....	491	Oseias.....	Os.....	1445
1 Crônicas.....	1Cr.....	529	Joel.....	Jl.....	1459
2 Crônicas.....	2Cr.....	568	Amós.....	Am.....	1466
Esdras.....	Esd.....	617	Abdias.....	Ab.....	1478
Neemias.....	Ne.....	633	Jonas.....	Jn.....	1482
Tobias.....	Tb.....	654	Miqueias.....	Mq.....	1486
Judite.....	Jt.....	673	Naum.....	Na.....	1495
Ester.....	Est.....	695	Habacuc.....	Hab.....	1500
1 Macabeus.....	1Mc.....	712	Sofonias.....	Sf.....	1507
2 Macabeus.....	2Mc.....	752	Ageu.....	Ag.....	1513
			Zacarias.....	Zc.....	1517
LIVROS SAPIENCIAIS			Malaquias.....	Ml.....	1530
Jó.....	Jó.....	782			
Salmos.....	Sl.....	828			

Novo Testamento

Introdução ao Novo Testamento.....	1537
------------------------------------	------

Livro	Abr.	Pág.	Livro	Abr.	Pág.
Mateus.....	Mt.....	1539	1 Timóteo.....	1Tm.....	1877
Marcos.....	Mc.....	1596	2 Timóteo.....	2Tm.....	1884
Lucas.....	Lc.....	1628	Tito.....	Tt.....	1889
João.....	Jo.....	1686	Filémon.....	Fm.....	1893
Atos dos Apóstolos.....	At.....	1733	Hebreus.....	Hb.....	1895
Romanos.....	Rm.....	1782	Tiago.....	Tg.....	1910
1 Coríntios.....	1Cor.....	1803	1 Pedro.....	1Pd.....	1916
2 Coríntios.....	2Cor.....	1823	2 Pedro.....	2Pd.....	1923
Gálatas.....	Gl.....	1838	1 João.....	1Jo.....	1928
Efésios.....	Ef.....	1847	2 João.....	2Jo.....	1935
Filipenses.....	Fl.....	1855	3 João.....	3Jo.....	1937
Colossenses.....	Cl.....	1861	Judas.....	Jd.....	1938
1 Tessalonicenses.....	1Ts.....	1867	Apocalipse.....	Ap.....	1941
2 Tessalonicenses.....	2Ts.....	1873			
Mapas.....					1967
Leitura Orante.....					1977

ANTIGO TESTAMENTO



INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO

Os primeiros cristãos fizeram abundante uso dos textos sagrados judaicos e os chamaram de “Antigo Testamento/Aliança” (2Cor 3,14). Esses escritos são tanto os contidos na *Bíblia Hebraica* quanto aqueles acrescentados no momento da tradução dos livros hebraicos para o grego (Septuaginta/Setenta). Juntos, eles narram a experiência religiosa do Israel bíblico desde a origem do mundo (Gênesis) até o período próximo a Jesus. Essa caminhada milenar é marcada por momentos fortes, como as migrações dos patriarcas, a saída do Egito, a formação da sociedade israelita em Canaã, o nascimento da monarquia e do Estado, o cisma entre Judá e Israel, os conflitos com os impérios da Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma, que resultaram em destruições, deportações, tributos e conflitos culturais, entre outros.

História e canonicidade

A atual lista de livros bíblicos que a Igreja Católica considera canônicos foi estabelecida pelo Concílio de Trento em 1546. Para o Antigo Testamento, trata-se de todos os livros da *Bíblia Hebraica*, acrescentados de alguns livros da *Bíblia Grega* (Septuaginta/Setenta). A *Bíblia Hebraica* contém trinta e nove livros: *Pentateuco* (Gn, Ex, Lv, Nm, Dt), *Profetas* (Js, Jz, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs, Is, Jr, Ez, Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml) e *Escritos* (Sl, Jó, Pr, Rt, Ct, Ecl, Lm, Est, Dn Esd, Ne, 1Cr, 2Cr).

Em torno de 100 d.C., a comunidade judaica reconheceu esses escritos, até então dispersos, como formadores do cânon de sua Sagrada Escritura. Composto por volta de 190 a.C., o livro do Eclesiástico ou Sirácida já fala da “lei”, da “sabedoria” e das “profecias” (Eclo 39,1), e o prólogo do mesmo livro, em 117 a.C., menciona “a lei, os profetas e os outros escritos”. Outro dado importante é oferecido pelos textos de Qumrã, descobertos no século XX. Dezenas de fragmentos com textos bíblicos, copiados entre a segunda metade do

século III a.C. e o ano 70 d.C., trazem partes de praticamente todos os livros da *Bíblia Hebraica*. O único texto não citado é o livro de Ester. Do livro de Isaías, por sua vez, que é o mais volumoso de toda a Bíblia, existe uma cópia inteira. Entre 600 e 900 d.C., escribas, chamados massoretas, adicionaram ao texto hebraico, até então escrito somente com letras consoantes, sinais vocálicos e sinais de pausa. Com isso, o texto bíblico foi fixado de forma mais definida, evitando ambiguidades e facilitando, assim, a leitura.

Contudo, esta Bíblia, católica, apresenta como Antigo Testamento não apenas os textos da *Bíblia Hebraica*, mas também outros sete livros. Na metade do século III a.C., em razão da ampla difusão da cultura helenista, foi iniciada a tradução da *Bíblia Hebraica* para o grego, chamada de *Septuaginta* ou *Setenta* (LXX), amplamente usada pelos autores do Novo Testamento. Nela, os livros hebraicos de Daniel e Ester receberam acréscimos significativos (em itálico nesta Bíblia). Além disso, a *Septuaginta* acolheu os livros deuterocanônicos Tobias, Judite, 1 Macabeus, 2 Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc.

Línguas e manuscritos

Com a exceção de, aproximadamente, dez capítulos em aramaico (duas palavras em Gn 31,47; Esd 4,8-6,18; 7,12-26; Dn 2,4-7,28; Jr 10,11), língua que, a partir do império persa (587/6-333/2 a. C.), substituiu o hebraico como língua falada, os demais textos pertencentes à *Bíblia Hebraica* foram escritos em hebraico. O manuscrito completo mais antigo de toda a *Bíblia Hebraica* é o *Códice Petropolitano* (antes: *Códice de Leningrado*), do ano 1008 d.C. Nesta tradução da Bíblia, todos os livros pertencentes à *Bíblia Hebraica* foram traduzidos a partir do hebraico ou aramaico.

No caso da *Septuaginta*, os pergaminhos do *Códice do Vaticano* (século IV d.C.) e do *Códice Sinaitico* (século V d.C.) são testemunhas

importantes para a história do texto. Nenhum deles, porém, traz o texto completo do Antigo Testamento em grego. Isso somente ocorre com manuscritos dos séculos IX a XVI d.C. Nesta Bíblia, os livros não pertencentes à Bíblia Hebraica (Tb, Jt, 1Mc, 2Mc, Sb, Eclo, Br) foram traduzidos do grego.

Ordem e divisões dos textos

A partir de 382 d.C., São Jerônimo, valendo-se de traduções anteriores, em especial a *Vetus Latina*, traduziu toda a Bíblia, do hebraico, do aramaico e do grego para o latim. No decorrer dos séculos, essa tradução tornou-se a comumente usada na Igreja Católica, e, por isso, recebeu o nome de *Vulgata*. Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), criou-se, para o uso eclesial, a *Nova Vulgata*, publicada em 1979, com uma revisão do texto latino da Vulgata, comparando-o novamente aos textos originalmente compostos em hebraico, aramaico e grego. A tradução da Bíblia apresentada aqui, como a Vulgata, acolhe os quarenta e seis livros do Antigo Testamento, apresentando-os na mesma sequência e nos mesmos quatro blocos: *Pentateuco* (Gn, Ex, Lv, Nm, Dt), *Livros Históricos* (Js, Jz, Rt, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs, 1Cr, 2Cr, Esd, Ne, Tb, Jt, Est, 1Mc, 2Mc), *Livros Sapienciais* (Jó, Sl, Pr, Ecl, Ct, Sb, Eclo) e *Profetas* (Is, Jr, Lm, Br, Ez, Dn, Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml).

Revelação

Os livros pertencentes ao Antigo Testamento trazem o fundamento do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo e são a referência religioso-cultural para a fé dos primeiros discípulos e discípulas. São as “Escrituras” (Lc 24,45) do povo judeu. As comunidades cristãs, desde seus inícios no século I, leram e interpretaram o Antigo Testamento como Palavra de Deus. Quando a Igreja, no decorrer do século II, ampliou sua

Sagrada Escritura com os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Cartas Paulinas, as Cartas Católicas e o Apocalipse de João, ela guardou os trinta e nove livros protocanônicos da Bíblia Hebraica junto com os sete deuterocanônicos escritos em grego. Não lhes mudou os conteúdos. Pelo contrário, fez esses livros precederem os novos escritos. Assim, para os cristãos, a Bíblia nasceu com suas duas partes inseparáveis de Antigo e Novo Testamento.

Nomes de Deus

Em respeito à inefabilidade do nome de Deus, os judeus não pronunciam o tetragrama sagrado (*Yhwh*). Quando necessário vocalizá-lo, fazem-no substituindo-o por *Adonai* (“[meu] Senhor”). Assim, quando a Bíblia Hebraica foi traduzida para o grego (Setenta), o tetragrama divino foi vertido como *Kýrios* (“Senhor”). Em respeito a isso e à tradição apostólica e eclesial, a Igreja recomenda que, liturgicamente, não se use o tetragrama, mas que ele seja substituído por “SENHOR” (*Liturgiam authenticam*, n. 41). Esta tradução procurou adotar o seguinte critério na escrita dos nomes de Deus “(meu) Senhor” para *Adonai*; “Senhor DEUS” / “SENHOR, meu Senhor” para *Adonai Yhwh*; “Deus” / “Altíssimo” (quando Elohim está junto com El) para *Elohim/El*; “Deus Todo-Poderoso” para *El-Shadday*; “Todo-Poderoso” para *Shadday*; “SENHOR” para *Yhwh*; “SENHOR Deus” para *Yhwh Elohim*; “SENHOR dos Exércitos” para *Yhwh Tsebaot*.

Nomes próprios

Este Projeto primou por uma padronização mais criteriosa da onomástica bíblica, distinguindo nomes muitas vezes confundidos: *Rahab* (habitante de Jericó que auxiliou Josué e companheiros) de *Raab* (monstro), *Amós* (profeta) de *Amoz* (pai de Isaías), *Amon* (território) de *Ámon* (rei) etc.

GÊNESIS

INTRODUÇÃO

O primeiro livro do cânon da Bíblia Hebraica é um convite a se aventurar no limiar das fronteiras dos inícios absolutos e arquétipos do universo, do céu, da terra, da biodiversidade, da flora, da fauna, dos recursos hídricos, do tempo, do espaço, da humanidade, da família, do mal e da maldade, dos conflitos familiares, das profissões, da linguagem, da técnica, do culto, da oração, do ato de fé, da diversidade de línguas, do nascimento de nações e povos, colocando em evidência a origem e as particularidades da história do povo hebreu, com quem Deus faz uma aliança particular a fim de que, por eles, todas as famílias da terra fossem abençoadas.

A tradição judaica, em geral, atribui como título dos livros sagrados a primeira palavra de abertura; portanto, o primeiro livro do cânon hebraico é conhecido pela tradição judaica como *"b'rē'shīt"*. A tradição grega, seguida pela tradição latina Vulgata, entretanto, nomeia este primeiro livro usando a expressão que se encontra em Gn 2,4a: "O livro das gerações". De fato, essa locução aparece onze vezes, seja na introdução das listas genealógicas (Gn 5,1; 10,1; 11,10; 25,12; 36,1.9), seja em uma importante sequência narrativa (Gn 2,4; 6,9; 11,27; 25,19; 37,2) do livro do Gênesis, em torno das quais se articulam os episódios dos diversos ciclos ancestrais recolhidos no livro. Sendo assim, a fórmula hebraica *"tôledôt"*, nesta tradução apresentada como "estas são as gerações...", estrutura e organiza o material narrativo de todo o livro do Gênesis.

Autor, data e destinatário Há séculos os estudos bíblicos se distanciam da hipótese tradicional segundo a qual os primeiros cinco livros do cânon da Bíblia Hebraica teriam como autor o próprio Moisés (Mixná, ordem Neziqin, tratado Abot 1,1). Embora haja poucas respostas e muitas especulações quanto à data, à autoria, ao lugar de redação e aos destinatários do livro do Gênesis, há ao menos consenso quanto à hipótese de que o texto final seja resultado de um processo pluriforme e muito elaborado, cujas concatenações, articulações,

etapas e processos redacionais, em grande parte, ainda não são acessíveis.

A hipótese mais plausível, portanto, parece ser a que postula a existência de relatos, tradições isoladas e fragmentadas, integradas e editadas ao longo dos séculos, reunidas e reelaboradas durante o período do exílio e do pós-exílio da dominação babilônica e persa (a partir de 590 a.C.), bem como durante o helenismo, através de intervenções redacionais de origem sacerdotal ou pós-sacerdotal.

É possível que, ao serem colocados por escrito, os diversos relatos tivessem origem e destinatários diversos, levando em consideração que algumas tradições foram registradas por escrito durante o período do exílio e juntadas no período do pós-exílio, como é possível supor a partir dos dúplices relatos da criação (Gn 1,1-2,3; 2,4-3,24), do triplice relato da esposa-irmã (Gn 12,10-20; 20,1-18; 26,1-11), das duas alianças com Abraão (Gn 15 e 17) e das duas expulsões de Agar (Gn 16 e 21), provavelmente provenientes de tradições diferentes, mas colocadas juntas no processo de redação, em vez de serem excluídas.

Estrutura O livro do Gênesis compreende duas partes. A primeira aborda a história das origens em geral (Gn 1,1-11,26), enquanto a segunda aborda a história da origem do antigo Israel (Gn 11,27-50,26).

A segunda parte do livro do Gênesis se divide em três seções ou ciclos: ciclo de Abraão e Sara (Gn 11,27-25,18); ciclo de Isaac e Rebeca (Gn 25,19-36,43); e ciclo de Jacó e sua família (Gn 37,1-50,26). Se, na perspectiva da literatura universal, um ciclo começa com o nascimento do herói e conclui-se com sua morte, as narrativas do livro do Gênesis não obedecem a essa lógica, visto que o herói, ou melhor, o eleito para receber a bênção ancestral e herdar a aliança, não morre, mas continua a viver em seus descendentes.

Orientando-se pelo texto, portanto, delimitou-se o início dos ciclos de Abraão e Sara, de Isaac e Rebeca e de Jacó e família a partir da

fórmula indicativa: “Estas são as gerações de...” (Gn 11,16; 25,19; 37,2). Nota-se, todavia, que a fórmula: “Estas são as gerações de...”, na verdade, introduz a vida do filho ou dos filhos, com enfoque particular no destino do filho eleito.

A denominação “ciclo de Isaac”, em geral, é colocada em questão, em razão do limitado espaço que a narrativa oferece ao patriarca, reduzido a poucas cenas que, na maioria das vezes, são episódios paralelos aos vividos por Abraão, por exemplo: o episódio da “esposairmã” (Gn 12,10-20; 20,1-18; 26,1-11); as contendas referentes às propriedades de poço (Gn 21,22-26; 26,15-25); ou à aliança feita com Abimelec, rei de Gerar (Gn 21,27-32; 26,26-33). Ademais, grande parte dessa seção textual se detém nos conflitos e nos destinos dos filhos do casal Isaac e Rebeca (Gn 25,19–34,46). Esta tradução optou pelo título “ciclo de Isaac e Rebeca” para a referida seção textual (Gn 25,19–34,46), por compreender que a sequência canônica do texto propõe o casal Isaac e Rebeca como sucessor de Abraão e Sara.

A última etapa do percurso narrativo do livro do Gênesis é o ciclo de Jacó e família, o qual, em grande parte, se dedica à história de José. Nesse ciclo, graves conflitos entre os irmãos geram uma profunda crise no núcleo eleito e originário do futuro Israel. A reunificação da família terá como contexto um prolongado período de seca que expõe a família de Jacó/Israel à morte. A busca pela sobrevivência leva os filhos de Israel ao Egito a fim de adquirirem insumos alimentares, o que resulta em um desfecho inesperado de encontro, perdão e reconciliação entre os filhos de Jacó e José, que se tornou administrador de todo o Egito. A autoridade de José favorecerá a entrada de seus familiares como imigrantes no Egito, elemento central para a continuidade da narrativa no livro do Êxodo.

Dois eventos mantêm o leitor em suspense e expectativa, prendendo sua atenção até o desfecho no livro de Josué, que são: o cumprimento da promessa do dom da terra de Canaã aos descendentes de Israel e o sepultamento de José, que ocorrerá apenas no final do livro de Josué (Js 24,32). Ademais, os últimos capítulos do livro do Gênesis estabelecem uma sequência com o livro do Êxodo, cuja narrativa explica como essa família de imigrantes hebreus multiplicou-se, passou pela escravidão e tornou-se um grande povo, o povo da aliança, eleito por Deus.

Principais temas O leitor do livro do Gênesis dialoga com uma mentalidade e uma cultura milenar, perpetuada em forma escrita, cuja

finalidade específica não tem a intenção de fazer um registro científico ou arquivo histórico sobre a origem do universo e a evolução das espécies no contexto geográfico do antigo Oriente Próximo. O livro do Gênesis propõe as bases e os fundamentos necessários dos aspectos culturais, sociais, religiosos, ideológicos e teológicos sobre o nascimento e a origem do povo de Israel, bem como apresenta, pela arte e pela sensibilidade da narrativa hebraica, Deus como origem e princípio de toda a existência.

A solene abertura do cânon bíblico introduz os dois protagonistas de toda a Escritura: Deus, origem de tudo o que existe, e o humano, macho e fêmea, plasmado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27), e animado pelo respiro divino (Gn 2,7). A narrativa parte, portanto, do universal ao particular, sendo que os dois relatos da criação (Gn 1,1–2,3; 2,4-25), juntamente com todo o material reunido nos onze primeiros capítulos do livro do Gênesis, servem também de prólogo às narrativas ancestrais dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel.

Nessa perspectiva, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó (Gn 26,24; 28,13; 31,42.53; Ex 3,6.15.16; 4,5) não se limita a ser um Deus pessoal, familiar, territorial ou tribal; ao contrário, ele é o criador de todo o universo e de tudo o que existe. Deus se revela no livro do Gênesis como origem de todo o universo, é o Deus uno, único e soberano, a quem todo criado está sujeito e a quem os povos da terra devem conhecer e servir fielmente mediante uma aliança, temática muito cara ao livro do Gênesis.

Em síntese, os principais temas do livro do Gênesis são: a unicidade e soberania do Deus criador de todas as coisas e de todos os seres; a dignidade do humano, macho e fêmea, criado à imagem e semelhança de Deus; as alianças ancestrais com Noé, com Abraão, com Isaac e com Jacó; as promessas de descendência, bênção e terra; a fé como resposta ideal do eleito a Deus; a identidade de imigrante de todos os patriarcas e matriarcas do antigo Israel; a esterilidade humana; a revelação de Deus como aquele que fala e faz, para quem nada é impossível, um Deus que não está atrelado a uma terra, mas que caminha com seu eleito, indicando o caminho.

Intertextualidade com o Novo Testamento São numerosas as passagens do Novo Testamento nas quais é possível identificar algum tipo de presença de textos do livro do Gênesis. Apresentam-se, aqui, algumas evidências, como a alusão à identidade davídica de Jesus, no Evangelho segundo Mateus, ascendendo

a Abraão (Mt 7,1-17), e no Evangelho segundo Lucas, ascendendo a Adão (Lc 3,2-23). O Evangelho segundo João (Jo 4,5.6.12) fará alusão ao território comprado por Jacó em Siquem e dado em herança a seu filho José (Gn 33,19; 48,22).

Com relação à figura dos patriarcas, o Novo Testamento dedica atenção especial a Abraão, que aparece setenta e três vezes, enquanto Isaac aparece vinte e três e Jacó vinte e cinco vezes. José aparece cerca de oito vezes no Novo Testamento.

O quarto capítulo da Carta aos Romanos insiste na justificação pela fé e não pelas obras da lei, com base no exemplo de Abraão, a quem foi creditado o prêmio da justiça (Gn 15,6), antes mesmo do sinal da circuncisão na carne (Rm 4,1-3.9-22). Essa mesma carta também reflete a temática da supremacia da eleição de Israel sobre os demais povos (Rm 9,4-13), baseando-se na descendência nascida para os pais em virtude da promessa, aludindo a Isaac e Jacó, e não por critérios humanos, acenando aos primogênitos Ismael e Esaú.

Entre tantos outros lugares em que o Novo Testamento faz referência à figura do patriarca Jacó, Rm 9,1-18 é digno de nota, por abordar a temática da eleição gratuita de Deus por Israel, recordando a imagem da eleição de Isaac em detrimento de Ismael (Rm 9,6-9) e de Jacó em detrimento de Esaú (Rm 9,10-13).

Na Carta aos Gálatas, Paulo insiste sobre a precedência da promessa feita por Deus a Abraão em relação à lei dada no Sinai a

Moisés, bem como sobre a universalidade e primazia da bênção de Abraão, que alcança todos os pagãos mediante a fé (Gl 3,6-18.29). Ainda na Carta aos Gálatas (Gl 4,22-5,1), Isaac e Ismael são caracterizados, respectivamente, como filho da mulher livre, isto é, Sara, e como filho da escrava, isto é, Agar, sugerindo que os nascidos mediante o batismo, pela fé em Cristo, são herdeiros como o filho da mulher livre.

No livro dos Atos dos Apóstolos, Estêvão apresenta um breve excuro da vida dos patriarcas até José (At 7,2-16). A Carta aos Hebreus também faz uma retrospectiva do caminho e da resposta de fé dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel (Hb 11,8-12.20-22). Ademais, essa mesma carta estabelece um paralelo de semelhança e continuidade entre o sacerdócio de Melquisedec (Gn 14,18-20) e o sacerdócio de Cristo (Hb 7,1-8), em contraposição ao sacerdócio levítico. O episódio da prova de Abraão e da amarração de Isaac (Gn 22,1-19) também são recordados e interpretados (Hb 11,17-19; Tg 2,21).

Conclusão O livro do Gênesis é um convite a compartilhar da experiência de fé de famílias transmigrantes, bem como a empreender o caminho dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel, deixando-se guiar por Deus, na certeza de que ele jamais abandona aqueles que escolhe. Deus fala e faz; sua palavra tem poder criador e restaurador, pois deriva de alguém para quem nada é impossível (Gn 1,1-2,4; 18,1-16; 21,1-7).



ORIGEM DO UNIVERSO E DA HUMANIDADE

1 Primeiro relato da criação **1**No início Deus criou o céu e a terra. **2**A terra era amorfa e vazia; havia trevas na superfície do abismo, e o espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas. **3**E Deus disse:

1,1-2,3 A primeira palavra do livro, *início* (“bereshit” em hebraico, “arché” em grego, “principium” em latim), é um convite a ultrapassar as fronteiras do princípio absoluto e arquetípico: a origem do céu, da terra, do tempo, da humanidade, da transgressão, do trabalho, do culto, da violência, da oração, da pedagogia divina, da eleição de Israel. O mundo criado por Deus é perfeito e fértil; nele, tudo é bom (vv. 4.10.12.18.21.25.31), não há lugar para o mal e a dor. O versículo 2 expõe as circunstâncias da iniciativa do ato criador: a inexistência de formas e o vazio

“Que haja luz!” E houve luz. **4**Deus viu que a luz era boa. E Deus fez a separação entre a luz e as trevas. **5**Deus chamou a luz de “dia”; e as trevas chamou de “noite”. Houve uma tarde e uma manhã; primeiro dia.

6Deus disse: “Que haja um firmamento no meio das águas, e que haja uma

primordial (Jr 4,23; Is 45,18). Oito obras são criadas em seis dias, sendo que no terceiro (vv. 9-13) e no sexto (vv. 24-31) são criadas duas obras em cada dia. O primeiro elemento evocado por Deus é a luz (v. 3), a partir da qual a passagem do tempo é indicada pela alternância dos dias (vv. 5.8.13.19.23.31). O quarto dia é dedicado à formação dos corpos celestes: o sol, a lua e as estrelas (vv. 14-19); o narrador não pronuncia seus nomes, possivelmente por serem considerados divindades nos mitos da antiga Babilônia e demais culturas vizinhas. Ademais,

separação entre águas e águas!” **7** E Deus fez o firmamento, fez também a separação entre as águas que estão debaixo do firmamento e as águas que estão acima do firmamento. E assim foi. **8** Deus chamou o firmamento de “céu”. Houve uma tarde e uma manhã; segundo dia.

9 Deus disse: “Reúnam-se em um único lugar as águas que estão debaixo do céu! Que apareça a parte seca!” E assim foi. **10** Deus chamou a parte seca de “terra”; e o reservatório de águas chamou de “mar”. E Deus viu que era bom. **11** Deus disse: “Que a terra faça germinar relva tenra, planta produtora de semente, árvore frutífera que dê fruto segundo sua espécie, cuja própria semente esteja nela, sobre a terra!” E assim foi. **12** A terra produziu relva tenra, planta produtora de semente, segundo sua espécie, e árvore frutífera, cuja própria semente estava nela, segundo sua espécie. E Deus viu que era bom. **13** Houve uma tarde e uma manhã; terceiro dia.

14 Deus disse: “Que haja luzeiros no firmamento do céu para fazer a separação entre o dia e a noite! Que sejam sinais tanto para as estações quanto para os dias e os anos! **15** Que os luzeiros no céu sejam para iluminar a terra!” E assim foi. **16** Deus fez os dois luzeiros grandes, o luzeiro maior para reger o dia e o luzeiro menor para reger a noite, e as estrelas. **17** Deus os estabeleceu no firmamento do céu para iluminar a terra, **18** para reger tanto o dia quanto a noite e

para fazer a separação entre a luz e as trevas. E Deus viu que era bom. **19** Houve uma tarde e uma manhã; quarto dia.

20 Deus disse: “Que as águas fervilhem um fervilhamento de seres vivos; que aves voem acima da terra, sobre a superfície do firmamento do céu!” **21** Deus criou os grandes répteis e cada ser vivo rastejante segundo suas espécies, sendo que as águas fervilharam; e todas as aves aladas segundo suas espécies. E Deus viu que era bom. **22** Deus os abençoou dizendo: “Frutificai e multiplicai-vos! Enchei as águas do mar! Que as aves se multipliquem na terra!” **23** Houve uma tarde e uma manhã: quinto dia.

24 Deus disse: “Que a terra produza cada ser vivo segundo sua espécie! Animal doméstico, réptil e animais selvagens da terra, segundo sua espécie!” E assim foi. **25** Deus fez cada animal selvagem da terra, segundo sua espécie; cada animal doméstico, segundo sua espécie; e cada réptil do solo, segundo sua espécie. E Deus viu que era bom.

26 Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme nossa semelhança! Que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre todos os animais domésticos acima da terra, bem como sobre todo réptil que rasteja sobre a terra!” **27** E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. **28** Deus

esses luzeiros, além da função de iluminar a terra (v. 5), demarcando o ritmo do tempo e das estações, servem igualmente para indicar as festas litúrgicas, segundo o calendário lunar. A narrativa atinge seu clímax na solene deliberação de Deus: *Façamos o ser humano* (v. 26). No texto hebraico, o verbo “façamos” concorda com o sujeito “Elohim”, literalmente “deuses”; ambos, sujeito e verbo, têm a forma no plural. Ao se traduzir do hebraico para uma língua vernácula, entretanto, embora o sujeito esteja no plural, recomenda-se que seja lido no singular, isto é, “Deus”. Essa forma irregular de concordância, com o sujeito no singular e o verbo no plural, tem ao menos duas explicações: (a) o plural “façamos” deve ser compreendido como um ato deliberativo de Deus à sua corte celeste, conforme uma sensibilidade comum ao antigo Oriente Próximo (Gn 3,22; 6,2,4; 11,7; Dt 10,17; Sl 50,1; 82,1; 89,7; 95,3); (b) o plural “façamos” corresponde ao chamado plural majestático ou plural de modéstia, quando quem

escreve ou fala se refere a si mesmo usando a primeira pessoa do plural, no lugar da primeira pessoa do singular. Diversamente dos vegetais e animais, criados segundo suas espécies (vv. 11.12.21.24.25), o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus (vv. 26-27; Gn 5,1-3); e investido como único soberano, para governar a natureza (v. 28). O exercício do poder humano, porém, não conhece a morte ou o derramamento de sangue, pois o regime alimentar, tanto do ser humano quanto dos animais, segue uma dieta vegetariana (vv. 29-30), o que representa harmonia, paz e tranquilidade entre o ser humano e o criado (Is 11,7; 65,25; Os 2,20). Em geral, as narrativas cosmogônicas do antigo Oriente Próximo apresentam uma conclusão semelhante: o deus criador ordena a construção de um templo no qual possa ser venerado como soberano do universo. No Gênesis, porém, o Deus bíblico não constrói nem ordena que se construa um templo, mas se reserva um tempo santo, isto é, o sábado (2,2).

os abençoou e Deus lhes disse: “Frutificai e multiplicai-vos! Enchei a terra e sujeitai-a! Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo ser que rasteja sobre a terra!”

29 Deus disse: “Eis que vos dei toda planta que dissemina semente, sendo que está na superfície de toda a terra, e toda árvore cujo próprio fruto dissemina semente, para que vos seja alimento. **30** A todo animal selvagem da terra e a toda ave do céu, e a tudo que rasteja sobre a terra, onde houver um ser vivo, toda erva verde lhe será para alimento”. E assim foi. **31** Deus viu tudo que fizera; e eis que era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã; sexto dia.

2 Assim foram concluídos o céu, a terra e todos os seus exércitos. **2** No sétimo dia, Deus concluiu sua obra que fizera; e no sétimo dia descansou de toda a obra que fizera. **3** Deus abençoou o sétimo dia e o santificou. De fato, nele Deus descansou de fazer toda a sua obra que criara.

Segundo relato da criação **4** Essas foram as gerações do céu e da terra, quando foram criadas. No dia em que o SENHOR Deus fez terra e céu, **5** antes que houvesse

na terra qualquer arbusto do campo, antes que brotasse qualquer planta do campo, porque o SENHOR Deus não havia feito chover sobre a terra, e não existia o ser humano para trabalhar a terra, **6** um manancial, todavia, subia da terra e irrigava toda a superfície do solo.

7 O SENHOR Deus plasmou o ser humano do pó do solo, soprou em suas narinas um fôlego de vida, e o ser humano se tornou um ser vivo. **8** O SENHOR Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e pôs ali o ser humano que plasmara. **9** O SENHOR Deus fez germinar do solo cada árvore desejável pela aparência e boa para alimentação. No meio do jardim havia a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

10 Do Éden saía um rio para irrigar o jardim. Dali se separava e se tornava quatro braços. **11** O nome do primeiro era Fison, o qual circundava toda a terra de Hévila, ali onde havia ouro. **12** De fato, o ouro dessa terra era bom. Ali havia o bdélio e a pedra de ônix. **13** O nome do segundo rio era Geon, o qual circundava toda a terra de Cuch. **14** O nome do terceiro era Tigre, o qual seguia pelo oriente da Assíria. O quarto rio era o Eufrates.

2,4-25 O segundo relato dá primazia à criação do homem e da mulher. O momento inicial registra a falta de vegetação, que parece estar relacionada a outras duas faltas, isto é, de chuva para regar as plantas e do ser humano para cultivar o solo (vv. 4-6). O ambiente semântico pertence ao domínio agrícola: o campo, a chuva e o ser humano que trabalha a terra. A sequência revela como Deus supre tais faltas, a começar pelas duas últimas (vv. 7-22). Primeiro, Deus plasma o ser humano do pó do solo (v. 7); em seguida, Deus planta um jardim para o ser humano e garante seu alimento, fazendo brotar árvores frutíferas (vv. 8-9). O Éden também tem provisão de água, dado que ali se encontra a nascente de quatro rios (vv. 10-14). Já não se está mais na presença do Deus transcendente que cria em sete dias e apenas falando (Gn 1,1-31), mas do Deus que suja as mãos com o pó da terra (vv. 7a-19), que respira (v. 7b) e que planta, como um agricultor, um jardineiro, um oleiro (vv. 8-9). Deus age como um cirurgião, anestesiando, abrindo uma ferida e fazendo uma intervenção no corpo sedado, para fechar a lesão provocada (v. 21). Desde sua origem o ser humano está intimamente relacionado à terra, pois em hebraico “ser humano” (“*adam*” [v. 7]) deriva de “solo”, “barro”, “pó da terra” (“*adamah*” [v. 7]), tendo como profissão cultivá-la (vv. 5,15; Gn 3,17)

e como destino, na morte, a ela retornar (Gn 3,19). Em um território árido como a Palestina, a imagem do *jardim no Éden* (vv. 8,10; Ez 28,13) e do “jardim do Éden” (v. 15; Gn 3,23,24) é particularmente sugestiva. Entre sua vicejante flora, encontram-se duas árvores que ocupam o meio do jardim: a *árvore da vida* (v. 9; Gn 3,22,24) e a *árvore do conhecimento do bem e do mal* (v. 9,17). O ser humano é introduzido no Éden para *trabalhar* e *guardar* (v. 15), verbos que aparecem tanto em contexto cultural-litúrgico quanto em observância aos mandamentos (Nm 3,7-8; 8,26; 18,7; Dt 13,5; Js 22,5; Mt 3,14). O comportamento humano, evocado por esses verbos, implica respeito e reverência. A última obra de Deus é a mulher (v. 22), que é feita a partir de um *lado* (em hebraico “*tsela*”) do ser humano, vocábulo usado para se referir ao lado da arca (Ex 25,12,14), ao lado do tabernáculo (Ex 26,26,27,35), ao lado do altar (Ex 27,7), ao lado da casa (1Rs 6,8). Deus cria a mulher como auxílio ao ser humano (vv. 18,20), que é homem e mulher (em hebraico “*ish*” e “*ishah*” [v. 23bc]), sublinhando a reciprocidade (*auxílio que lhe corresponde* [v. 20b]), a paridade (*osso de ossos; carne de carne* [vv. 23a,24]) e a alteridade com quem se pode interagir (*conduziu ao ser humano* [v. 22]). A partir do versículo 25, o termo “há adam” designa o nome próprio Adão.

15 O SENHOR Deus tomou o ser humano e o colocou no jardim do Éden para o trabalhar e o guardar. 16 O SENHOR Deus ordenou ao ser humano: “De qualquer árvore do jardim, certamente, comerás. 17 Da árvore do conhecimento do bem e do mal, porém, dela não comerás! Porque, no dia em que dela comeres, certamente, morrerás!”

18 O SENHOR Deus disse: “Não é bom que o ser humano esteja só. Farei para ele um auxílio que lhe corresponda”. 19 O SENHOR Deus plasmou do solo cada animal selvagem do campo e cada ave do céu e os trouxe ao ser humano para ver como os chamaria. E cada ser vivo, conforme o ser humano lhe chamasse, aquele seria seu nome. 20 Então o ser humano deu nomes a cada animal doméstico, às aves do céu e a cada animal selvagem do campo. Para o ser humano, porém, não se encontrou um auxílio que lhe correspondesse.

21 O SENHOR Deus, então, fez cair uma letargia sobre o ser humano, e ele dormiu. Tomou, pois, um de seus lados e, em seu lugar, fechou com carne. 22 Depois o SENHOR Deus construiu, com a parte que tirara do ser humano, uma mulher e a conduziu ao ser humano. 23 Então o ser humano disse:

“Desta vez é osso de meus ossos
e carne de minha carne.

Esta será chamada ‘mulher’,
porque esta foi tirada do homem”.

24 Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se juntará à sua mulher, e se tornarão uma só carne. 25 Ora, ambos

estavam nus, Adão e sua mulher, mas não se envergonhavam.

3 Relato do jardim 1 A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens do campo que o SENHOR Deus fizera. Disse, pois, à mulher: “É certo que Deus disse: ‘Não comais de nenhuma árvore do jardim!’” 2 A mulher disse à serpente: “Dos frutos das árvores do jardim podemos comer! 3 Quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não comais dele nem toqueis nele para que não morrais!’” 4 A serpente disse à mulher: “Certamente não morreréis. 5 Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”.

6 A mulher viu que a árvore era boa para comer, porque ela era apetitosa aos olhos. A árvore, também, era desejável para dar entendimento. Tomou, pois, de seu fruto e comeu; também deu a seu marido, que com ela comeu. 7 Os olhos de ambos se abriram, e conheceram que eles estavam nus. Coseram, então, folhas de figueira e fizeram cintas para si.

8 Quando escutaram a voz do SENHOR Deus, enquanto ele passeava pelo jardim à brisa do dia, Adão e sua mulher se esconderam da presença do SENHOR Deus, em meio às árvores do jardim. 9 O SENHOR Deus chamou Adão e lhe disse: “Onde estás?” 10 Ele disse: “Escutei tua voz no jardim e temi, porque estava nu; então eu me escondi”. 11 Disse: “Quem te informou que tu estás nu? Porventura comeste daquela

3,1-24 Usando do gênero literário chamado “fábula”, a narrativa reflete as vias de entrada do mal na vida e nas relações humanas. A serpente é caracterizada como o mais astuto entre os animais que Deus havia criado (v. 1). A astúcia tem sentido ambivalente, pois é uma qualidade dos sábios (Pr 12,16.23; 13,16; 14,8.15), mas também a conduta do malvado (Jó 5,12; 15,5). Com astúcia, a serpente deturpa o mandamento de Deus (v. 1; Gn 2,16-17) e induz a mulher ao erro (vv. 2-4). No antigo Oriente Próximo e no Egito, a serpente era associada a longevidade, regeneração, fertilidade e poder. A mulher e o homem são atraídos pelo sensorial, pelo apetite e pelo desejo (v. 6). O efeito da transgressão foi, como disse a serpente (vv. 4-5), a abertura dos olhos (vv. 5.7) e o tornar-se

como deuses (vv. 5.22). As consequências, porém, foram a vergonha (v. 7) e a perda da intimidade com Deus (vv. 8-13). Nessas condições o ser humano não pode habitar o Éden (vv. 23-24) e perde, ademais, as prerrogativas correlacionadas à vida no jardim (vv. 16-19). Os querubins à entrada do jardim para proteger a árvore da vida remetem aos querubins na tenda do santuário para proteger a arca da aliança (Ex 25,18-22; 37,7-9; Nm 7,89; 1Rs 8,6-7), bem como no templo de Salomão (1Rs 6,23-35; 7,29.36; 2Cr 3,7-14). Essa frequência de imagens indica o jardim do Éden como santuário primigênio, no qual Deus habita com o ser humano; sendo, portanto, a tenda do santuário uma evocação do Éden (Ex 25,1-31,17; 35,1-40,37).

árvore, a qual te ordenei que dela não comesses?” **12** Adão disse: “A mulher que me deste, ela me deu da árvore, e comi”. **13** O SENHOR Deus disse à mulher: “O que é isso que fizeste?” A mulher disse: “A serpente me iludiu, e comi”. **14** O SENHOR Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, tu serás maldita dentre todos os animais domésticos e todos os animais selvagens do campo. Rastejarás sobre teu ventre e comerás pó todos os dias de tua vida. **15** Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a descendência dela, a qual te ferirá a cabeça, e tu tentarás lhe ferir o calcanhar”. **16** Disse à mulher: “Certamente multiplicarei tua fadiga e tua gravidez. Com dor darás à luz filhos. Teu desejo será dirigido a teu marido, e ele te dominará”. **17** Disse a Adão: “Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore, a qual te ordenei dizendo: ‘Não comerás dela’, maldito será o solo por tua causa; com fadiga dele comerás todos os dias de tua vida. **18** Espinho e cardo ele fará crescer para ti, e comerás da plantação do campo. **19** Comerás o pão com o suor de tua face até voltares ao solo, pois dele foste tirado. Porque tu és pó e ao pó voltarás”.

20 Adão chamou o nome de sua mulher de “Eva”, porque era mãe de todo vivente. **21** O SENHOR Deus fez túnicas de pele para Adão e para sua mulher, e os

vestiu. **22** O SENHOR Deus disse: “Eis que o ser humano é como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Que agora não estenda sua mão nem tome também da árvore da vida, que não coma nem viva eternamente!” **23** O SENHOR Deus o despediu do jardim do Éden para trabalhar o solo, pois dali fora tirado. **24** Após expulsar o ser humano, fez morar, ao oriente do jardim do Éden, querubins que se moviam de um lado a outro com uma espada de chama, para guardar o caminho da árvore da vida.

4 **História de Caim e Abel** **1** Adão concebeu sua mulher, Eva; ela concebeu e deu à luz Caim. Disse: “Adquiri um homem do SENHOR”. **2** Acrescentou outro, ao dar à luz seu irmão Abel. Ora, Abel era pastor de gado pequeno, e Caim era trabalhador do solo.

3 Aconteceu que, após alguns dias, Caim trouxe uma oferta de frutos do solo para o SENHOR. **4** Quanto a Abel, também ele trouxe dos primogênitos de seu gado pequeno e da gordura deste. O SENHOR olhou com agrado para Abel e para a oferta dele. **5** Mas não olhou com agrado para Caim e para a oferta dele. Caim se irritou muito, e sua face decaiu.

6 O SENHOR disse a Caim: “Por que te irritaste? Por que tua face decaiu? **7** Por acaso não fazes o bem para estar

4,1-16 A fraternidade estreia na história humana com um fratricídio (v. 8). Os irmãos representam duas categorias de existência humana ligadas ao campo: o lavrador (v. 2) e o pastor (v. 2). Caim e Abel são indicados como os primeiros a apresentarem ofertas a Deus, como prolepse do verdadeiro culto de Israel (Ex 13,2.12.15; 34,19; Lv 27,26; Nm 3,13; 8,17; Dt 12,6). A oferta vegetal se limita às primícias do fruto do solo (Ex 23,19; 34,26; Lv 2,12.14; 23,10.17.20; Nm 15,20.21; Dt 18,4). As perguntas de Deus a Caim *Onde está teu irmão Abel?* (v. 9) e *Que fizeste?* (v. 10) evocam as perguntas de Deus a Adão e sua mulher (Gn 3,9.13). Deus diz a Caim que o sangue de Abel (v. 11) está gritando por Deus (v. 10); a vida, segundo a concepção hebraica, está no sangue, e, por isso, na regulamentação jurídica posterior se afirmará, no caso dos animais, que o sangue não deve ser comido, mas oferecido a Deus; enquanto vida, o sangue é sagrado (Gn 9,4-5; Lv 17,11.14; Dt 12,23). Nota-se que o discurso de Deus não é dirigido a Caim, mas a toda a humanidade e aos possíveis vingadores da morte de Abel (v. 15). O crime de Caim, porém, não fica impune (vv. 11-14). Na sequência

textual, a legislação de Israel estabelecerá leis contra o homicida, o qual será vingado pelo “vingador do sangue” (Nm 35,22.19.21.24.25.27; Dt 19,6.12; Js 20,3.5.9; 2Sm 14,11). A lei de Israel não preverá salvação para quem cometer homicídio premeditado, como Caim (Ex 21,12-4; Nm 35,20-21). Deus preservou a vida de Caim e lhe assegurou especial proteção (v. 15) contra os possíveis inimigos, usando uma típica expressão proverbial composta do número sete. Em muitas formulações bíblicas, o número sete não se refere a uma quantidade exata, mas a um significado genérico e não raramente proverbial (Gn 4,24; Lv 26,18.21.24.28; Sl 79,12). *Sete* é expressão da máxima perfeição (Nm 23,4) e evocação da completude: Deus fez a criação em sete dias, a festa de Pentecostes acontece sete semanas depois da Páscoa, cada sétimo ano é sabático (Lv 25) e depois de sete vezes sete anos vem o Jubileu. O número sete, igualmente, às vezes expressa um sentido simbólico de totalidade (Gn 33,3; Lv 8,11; 14,7.16.27.51; 16,14.19; 25,8; Nm 19,4; Js 6,4.14), bem como hiperbólico de intensidade, por exemplo, o versículo 15a, reforçando que a vingança será extremamente cruel.

elevado? Mas, se não fazes por bem, o pecado está reclinado à porta. O desejo dele será contra ti. Tu, porém, poderás dominá-lo”. **8** Caim interpelou seu irmão Abel. Ora, eles estavam no campo, quando Caim se ergueu contra seu irmão Abel e o matou.

9 O SENHOR disse a Caim: “Onde está teu irmão Abel?” Disse: “Não sei. Porventura eu sou guarda de meu irmão?” **10** Disse: “Que fizeste? Do solo, a voz do sangue de teu irmão está gritando por mim. **11** Agora, pois, maldito sejas tu desde o solo, o qual escancarou sua boca para tomar por tua mão o sangue de teu irmão. **12** Quando trabalhares o solo, este não dará nenhum acréscimo a teu esforço. Errante e fugitivo serás sobre a terra”.

13 Caim disse ao SENHOR: “Minha culpa é grande demais para suportá-la. **14** Eis que hoje me expulsaste da superfície do solo. De tua presença me esconderei, serei errante e fugitivo sobre a terra. Acontecerá que, qualquer um que me encontrar, me matará”.

15 O SENHOR lhe disse: “Entretanto, qualquer um que matar Caim será vingado sete vezes”. O SENHOR pôs um sinal sobre Caim, para que qualquer um que o encontrasse não o ferisse. **16** Caim saiu da presença do SENHOR e residiu na terra de refúgio, ao oriente do Éden.

Descendência de Caim **17** Caim conheceu sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Henoc. Tornando-se construtor de cidade,

chamou o nome da cidade conforme o nome de seu filho Henoc. **18** A Henoc nasceu Irad. Irad gerou Maviael; Maviael gerou Matusael; e Matusael gerou Lamec.

19 Lamec tomou para si duas mulheres. O nome da primeira era Ada e o nome da segunda era Zilá. **20** Ada deu à luz Jabal. Ele foi pai de todos que residem em tenda e que têm gado. **21** O nome de seu irmão era Jubal. Ele foi pai de todos que tocam cítara e flauta. **22** Quanto a Zilá, também ela deu à luz Tubalcaim, afiador de todo instrumento de cobre e ferro; a irmã de Tubalcaim era Naama.

23 Lamec disse a suas mulheres: “Ada e Zilá, escutai minha voz; mulheres de Lamec, ouvi minha promessa, porque matarei um homem por me ferir, e uma criança por me machucar!”

24 Porque sete vezes Caim é vingado; Lamec, porém, setenta e sete vezes”.

Descendência de Adão **25** Adão conheceu novamente sua mulher, e ela deu à luz um filho e chamou seu nome de Set: “Porque Deus pôs para mim outro descendente no lugar de Abel, que Caim matara”. **26** E para Set também nasceu um filho; e chamou seu nome de Enós. Neste tempo se começou a chamar o SENHOR pelo nome.

5 Livro das gerações **1** Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus

4,17-24 O livro das gerações apresenta a instituição da cultura. Assiste-se ao nascimento da cidade (v. 17), à domesticação de animais maiores (v. 20), ao desenvolvimento das artes, sendo Jubal o primeiro musicista da história (v. 21) e Tubalcaim o primeiro “homo faber” (v. 22) a lidar com a metalurgia. O “Canto de Lamec” (vv. 23-24) retrata a violência da personagem, que paga o mal com o mal na mesma quantidade e intensidade recebida (Ex 21,23-25; Lv 24,17-21; Dt 19,21). O encerramento da genealogia de Caim, com o aumento da violência, expõe um progressivo distanciamento entre a humanidade e Deus.

4,25-26 O nascimento do terceiro filho de Adão e Eva é um elemento central para reaproximar a humanidade do Criador, pois dessa linhagem procede Noé, o herói do dilúvio (Gn 6-9). Essa pequena unidade

textual acrescenta a origem da religião e do culto ao Senhor (v. 26).

5,1-32 A genealogia de Adão por intermédio de Set confirma o cumprimento do mandamento de Deus quanto à multiplicação (vv. 1-2; Gn 1,28). Pela união conjugal, o ser humano transmite a seus descendentes a imagem e semelhança de Deus (v. 1; Gn 1,26.27). Cada um dos dez ramos genealógicos segue a lógica natural da vida (vv. 3-32), em que a pessoa nasce, cresce, reproduz-se e morre. O primogênito é posto em foco, por dar continuidade à vida do pai. Duas personagens são dignas de nota: a primeira é Henoc, pois tinha uma relação especial com Deus e foi arrebatado (v. 24); a segunda é Noé, apresentado como o consolador (v. 29). A genealogia de Adão por meio de Set enfatiza a propagação da bênção proferida por Deus aos progenitores (Gn 5,2.22.24.29).

criou o ser humano, à semelhança de Deus o fez, **2** macho e fêmea os criou e os abençoou. No dia em que foram criados, chamou o nome deles de “ser humano”.

3 Adão tinha cento e trinta anos quando gerou à sua semelhança, como sua imagem, e chamou seu nome de Set.

4 Após ter gerado Set, os dias de Adão foram oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. **5** Todos os dias que Adão viveu foram novecentos e trinta anos, depois morreu.

6 Set tinha cento e cinco anos quando gerou Enós. **7** Após ter gerado Enós, Set viveu oitocentos e sete anos e gerou filhos e filhas. **8** Todos os dias de Set foram novecentos e doze anos, depois morreu.

9 Enós tinha noventa anos quando gerou Cainã. **10** Após ter gerado Cainã, Enós viveu oitocentos e quinze anos e gerou filhos e filhas. **11** Todos os dias de Enós foram novecentos e cinco anos, depois morreu.

12 Cainã tinha setenta anos quando gerou Malaleel. **13** Após ter gerado Malaleel, Cainã viveu oitocentos e quarenta anos e gerou filhos e filhas. **14** Todos os dias de Cainã foram novecentos e dez anos, depois morreu.

15 Malaleel tinha sessenta e cinco anos quando gerou Jared. **16** Após ter gerado Jared, Malaleel viveu oitocentos e trinta anos e gerou filhos e filhas. **17** Todos os dias de Malaleel foram oitocentos e noventa e cinco anos, depois morreu.

18 Jared tinha cento e sessenta e dois anos quando gerou Henoc. **19** Após ter gerado Henoc, Jared viveu oitocentos anos e gerou filhos e filhas. **20** Todos os dias de Jared foram novecentos e sessenta e dois anos, depois morreu.

21 Henoc tinha sessenta e cinco anos quando gerou Matusalém. **22** Após ter

gerado Matusalém, Henoc caminhou com Deus trezentos anos e gerou filhos e filhas. **23** Todos os dias de Henoc foram trezentos e sessenta e cinco anos. **24** Henoc caminhou com Deus e desapareceu, porque Deus o tomou.

25 Matusalém tinha cento e oitenta e sete anos quando gerou Lamec. **26** Após ter gerado Lamec, Matusalém viveu setecentos e oitenta e dois anos e gerou filhos e filhas. **27** Todos os dias de Matusalém foram novecentos e sessenta e nove anos, depois morreu.

28 Lamec tinha cento e oitenta e dois anos quando gerou um filho. **29** Ele chamou seu nome de Noé, dizendo: “Ele nos consolará de nossos afazeres e da fadiga de nossas mãos causada pelo solo, o qual o SENHOR amaldiçoou”. **30** Após ter gerado Noé, Lamec viveu quinhentos e noventa e cinco anos e gerou filhos e filhas. **31** Todos os dias de Lamec foram setecentos e setenta e sete anos, depois morreu.

32 Noé tinha a idade de quinhentos anos quando gerou Sem, Cam e Jafé.

6 Filhos de Deus e filhas dos homens

1 Quando o ser humano começou a se multiplicar na superfície do solo, nasceram-lhes filhas. **2** Os filhos de Deus viram que as filhas do ser humano eram belas. Tomaram, pois, para si algumas mulheres que escolheram dentre todas. **3** O SENHOR disse: “Meu espírito não permanecerá no ser humano para sempre, já que ele também é carne. Seus dias, portanto, serão cento e vinte anos”. **4** Naqueles dias, bem como depois deles, os Nefilim estavam na terra. Quando os filhos de Deus se achegaram às filhas do ser humano, elas lhes deram à luz aqueles valentes, que desde sempre foram homens de nome.

6,1-4 Esta é uma passagem enigmática, por apresentar elementos mitológicos, possivelmente populares no contexto em que o texto teve origem. A pericope tem semelhanças com antigas literaturas gregas, egípcias, ugaríticas e mesopotâmicas, que retratam a união entre deuses e humanos. Por exemplo, o lendário rei sumério Gilgamesh é descendente da união entre parte da deusa Ninsun e parte do humano Lugalbanda, rei de Uruk (Gilgamesh I,35-36,48); mas também

na mitologia grega os titãs são o resultado da união dos filhos de deuses com filhas de homens. Após a união entre seres humanos e divinos, o Senhor limita a existência do ser humano a cento e vinte anos. Tal prerrogativa, porém, terá suas exceções na sequência narrativa (Gn 11,32; 23,1; 25,7.17; Ex 6,18; Nm 33,39). Literalmente, *Nefilim* significa “aqueles que caíram”; a versão grega da Septuaginta usa o termo “gigantes”, como se estes fossem os titãs semíticos.

SALMOS

INTRODUÇÃO

Na tradição cristã, o livro das orações do antigo Israel, de Jesus de Nazaré e da Igreja recebeu o nome de “Salmos”, palavra grega usada para traduzir o termo hebraico mais presente nos títulos colocados acima de diversas orações (ver, por exemplo, “mizmor” em Sl 3,1). O termo indica uma oração em forma de recitação poética, ou seja, cantada com o acompanhamento de instrumentos de cordas. A expressão grega “Saltério”, também utilizada pelos cristãos para o conjunto dos Salmos, refere-se ao instrumento musical “lira”. O povo judeu, no entanto, chama o livro dos Salmos de “louvores” (em hebraico “tehilim”), pois as muitas orações (Sl 72,20) em forma de lamentações, preces e súplicas irão resultar em um “louvor” múltiplo (Sl 150,6).

A numeração dos Salmos varia de acordo com suas antigas edições. A regra básica é de que o número maior sempre se refere à Bíblia Hebraica. A Septuaginta, tradução grega das Sagradas Escrituras de Israel, estabeleceu uma numeração diferente, sendo nisso seguida pela Vulgata, tradução latina do Antigo Testamento:

<i>Texto hebraico</i>	<i>Traduções grega e latina</i>
<i>Salmos 1-8</i>	<i>Salmos 1-8</i>
<i>Salmos 9-10</i>	<i>Salmo 9</i>
<i>Salmos 11-113</i>	<i>Salmos 10-112</i>
<i>Salmos 114-115</i>	<i>Salmo 113</i>
<i>Salmo 116,1-9</i>	<i>Salmo 114</i>
<i>Salmo 116,10-19</i>	<i>Salmo 115</i>
<i>Salmos 117-146</i>	<i>Salmos 116-145</i>
<i>Salmo 147,1-11</i>	<i>Salmo 146</i>
<i>Salmo 147,12-20</i>	<i>Salmo 147</i>
<i>Salmos 148-150</i>	<i>Salmos 148-150</i>

O livro dos Salmos revela elementos que indicam ser a obra organizada literariamente. Podem ser observadas quatro fórmulas doxológicas (Sl 41,14; 72,18-19; 89,53; 106,48) que, sem terem ligação direta com as orações das quais literariamente fazem parte, dividem o livro dos Salmos em cinco grandes partes, formando uma estrutura paralela ao Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônimo). Dessa forma, a tradição judaica compreende os Salmos como resposta que Israel dá à proposta feita na Torá. Além disso, observando os títulos dos Salmos, percebe-se a formação de grupos de orações. Cinco coleções são atribuídas a Davi (Sl 3-41; 51-72; 101-103; 108-110; 138-145). Doze Salmos (Sl 50; 73-83), voltados sobretudo à leitura teológica da história de Israel, são ligados a Asaf. Outros doze (Sl 42-49; 84-85; 87-88), com foco na importância teológica de Sião, são atribuídos aos filhos de Coré. Quinze Salmos formam um conjunto chamado Cantos das subidas (Sl 120-134), como orações provavelmente relacionadas às festas de peregrinação, quando o povo se deslocava até Jerusalém. Vale lembrar também o Halel Egípcio (Sl 113-118). Os dois primeiros Salmos (Sl 1-2) e os cinco últimos (Sl 146-150) estabelecem uma moldura em torno de toda a composição literária do livro.

Os Salmos podem ser classificados de acordo com determinados gêneros literários. Existem hinos, com os elementos característicos de um apelo, que convidam os ouvintes-leitores ao louvor, sendo depois apresentada a justificativa do louvor. Além disso, há lamentações individuais e coletivas, as quais apresentam uma invocação (muitas vezes com a menção do nome de Deus), a descrição do sofrimento (por vezes acompanhada de perguntas sobre a origem do mal) e a formulação da prece ou súplica; é possível que declarações de confiança ou promessas de louvor acompanhem as lamentações. Às lamentações correspondem os cantos de ação de graça, nos

quais se narra, sobretudo, como Deus salvou o fiel ou a comunidade dos fiéis, suscitando nos últimos o agradecimento. Além disso, certas temáticas – por exemplo, a realeza do Senhor, a figura messiânica do rei de Israel, Sião, a história do povo de Deus ou a proposta de vida oriunda da sabedoria – dão origem à formação de paralelismos e, com isso, de grupos de textos no livro dos Salmos.

Quanto ao conteúdo, certas convicções e esperanças norteiam o conjunto dos cento e cinquenta poemas contidos no livro dos Salmos. Destaca-se a superioridade e a soberania do Deus de Israel. Contudo, se de um lado Deus é insondável, do outro a história se torna espaço e cenário da relação entre o Senhor e seu povo eleito, visto que esse relacionamento quer servir de experiência exemplar para a humanidade inteira. Sobre tudo, o evento do êxodo e a transformação dessa experiência de libertação em um projeto jurídico são oferecidos como modelo de fé e comportamento para todas as gerações. Com o êxodo, Deus revelou sua justiça. O Senhor, Deus de Israel, é por excelência aquele que se propõe fazer justiça a quem está sendo injustiçado. Isso, por sua vez, traz consequências para a vida cotidiana do fiel. Em especial, ao refletir sobre a estrutura do mundo e sobre a experiência do sofrimento e da morte, assim como sobre a possibilidade de encontrar a felicidade na vida, o homem se pergunta a respeito da existência de uma ordem divina, capaz de guiar quem procura orientação.

O texto aqui apresentado traz uma tradução dos Salmos segundo a Bíblia Hebraica. Prevaleceu, com isso, o princípio da fidelidade ao texto provavelmente mais original, mesmo que este, com suas dificuldades textuais em relação à forma e ao conteúdo, exija do ouvinte-leitor mais do que boa parte das traduções antigas e modernas exige. Para amparar os leitores, notas de rodapé mais extensas se propõem acompanhar, estrofe por estrofe, a lógica interna do que está sendo pensado em cada Salmo. Essas explicações se baseiam num

diálogo com os estudos exegéticos mais atuais. Em especial, vale lembrar os estudos amplos de Erich Zenger (†) e Frank-Lothar Hossfeld (†), biblistas alemães (Die Psalmen I; Psalm 1–50. Würzburg: Echter, 1993; Psalmen 51–100. 2. ed. Freiburg: Herder, 2000; Psalmen 101–150. Freiburg: Herder, 2008).

Além disso, é importante lembrar que os Salmos são textos poeticamente compostos. Os discursos diretos trabalham, em diversos momentos, com assíndetos, ou seja, sem conjunções ou conectivos explícitos. Multiplicam-se as imagens metafóricas, bem como expressões artísticas e arcaizantes. Repetições, seqüências incomuns de palavras e frases, mas também figuras descritivas, ocupam os versos. A alternância de discursos nem sempre deixa claro quem os enuncia: ora se fala sobre alguém (ele/eles, terceira pessoa), ora se fala diretamente a este alguém (tu/vós, segunda pessoa), exigindo grande atenção para acompanhar as rápidas mudanças de pessoa e perspectiva (Sl 23). Além disso, as estrofes dos poemas são de tamanho irregular. Em vez de usar a rima, a poesia hebraica trabalha com diversos tipos de paralelismos. Poéticos, com sua linguagem enfática fundamentada nos paralelismos, nas metáforas e, sobretudo, no diálogo dramático, os Salmos parecem corresponder à experiência de fé que o orante é convidado a fazer, haja vista esta envolver as experiências do dia a dia em sua conversa com Deus.

Jesus de Nazaré acolheu os Salmos como orações em sua vida, especialmente nas controvérsias e durante sua paixão. Com dezenas de trechos diretamente mencionados nos escritos do Novo Testamento – alguns deles em diversos lugares –, o livro dos Salmos é o escrito veterotestamentário mais citado pelos autores neotestamentários. Além disso, existem centenas de alusões aos Salmos no Novo Testamento. Conseqüentemente, os Salmos se tornaram também a oração dos cristãos e da Igreja, fazendo parte da herança religiosa que originalmente pertence ao povo judeu.



SALMO 1

- 1 Feliz o homem que não andou conforme o plano dos perversos, não se colocou de pé no caminho dos pecadores e não se sentou no assento dos zombadores!
- 2 Pelo contrário, seu apreço é pela instrução do SENHOR: dia e noite sussurra a instrução dele.
- 3 Será como uma árvore plantada junto a canais de água, que dá seu fruto a seu tempo e cuja folhagem não murcha. Tudo o que faz terá êxito.
- 4 Não são assim os perversos: pelo contrário, são como a palha que o vento dispersa.
- 5 Por isso, os perversos não se levantarão no julgamento, nem os pecadores na comunidade dos justos.
- 6 Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos: o caminho dos perversos, porém, perecerá.

SALMO 2

- 1 Por que as nações ficaram inquietas e os gentios sussurraram em vão?
- 2 Os reis da terra se posicionam, os dignitários conspiraram juntamente contra o SENHOR e contra o unguido dele:
- 3 “Rompamos suas amarras e arremessemos de nós suas cordas!”
- 4 Ri quem está sentado nos céus, o Senhor escarnece deles.
- 5 Depois lhes falará em sua ira e, com seu ardor, os assustará:
- 6 “Eu consagrei meu rei sobre Sião, o monte de minha santidade!”
- 7 Vou proclamar a prescrição do SENHOR, que me disse: “Tu és meu filho; hoje eu te gerei.
- 8 Pede-me, e darei as nações como tua herança, os confins da terra como tua propriedade!
- 9 Com um cetro de ferro as despedaçarás, como o vaso de um oleiro as quebrarás”.

1 Alguém é chamado de *feliz* (v. 1) ora por resistir aos perversos (“tramadores contra o justo e insistentes na queda do oprimido e pobre” [Sl 37,12.14]), aos pecadores (opostos à ordem divina) e aos zombadores (“arrogantes” [Pr 21,24], responsáveis por “rixas, litígios e humilhações” [Pr 22,10; 29,8]), ora por acolher a instrução (Torá) do Senhor (v. 2). Por isso, é bem-sucedido (v. 3). Os ventos da história, no entanto, dispersam os perversos (v. 4). Assim, as comunidades, com sua tarefa de promover julgamentos de acordo com os mandamentos de Deus, são formadas somente por justos (v. 5), uma vez que o Senhor ama o proceder destes últimos (v. 6).

2 Ocorre uma revolta dos povos não israelitas contra o Senhor e o unguido dele (vv. 1-3). Cabe a este último, rei de Israel, “temer o Senhor, seu Deus, e observar todas as palavras da lei” (Dt 17,19), para estar a serviço da justiça e da liberdade de todos (Sl 72,2). Esse projeto divino, porém, é avaliado de forma negativa pelos outros reis, os quais se sentem aprisionados por causa dele (v. 3). No entanto, prevalece a soberania do Senhor nos céus, o qual insiste na escolha de seu rei e de Sião, lugar de onde o consagrado por Deus deve governar (vv. 4-6). Além disso, também o rei messiânico depende da palavra do Senhor, porque é dela que lhe nascem a filiação divina, a entrega

- 10 E agora, ó reis, percebei!
Deixai-vos corrigir, ó juízes da terra!
- 11 Servi ao SENHOR com temor
e exultai com tremor!
- 12 Beijai o filho,
para que não se irrite
e pereçais no caminho,
porque sua ira pode acender-se num instante!
Felizes todos aqueles que nele se abrigam!

SALMO 3

- 1 *Um salmo de Davi, quando ele fugiu de seu filho Absalão.*
- 2 SENHOR, como se multiplicaram meus adversários:
muitos se erguem contra mim.
- 3 Muitos dizem de minha alma:
“Para ele não existe salvação em Deus”. [Pausa]
- 4 Mas tu, SENHOR, és um escudo para mim,
minha honra e quem eleva minha cabeça.
- 5 Quando, com minha voz, clamava ao SENHOR,
respondeu-me do monte de sua santidade. [Pausa]
- 6 Eu me deitei e adormeci:
acordei porque o SENHOR me apoia.
- 7 Não temo as multidões do povo,
que se puseram em cerco contra mim.
- 8 Ergue-te, ó SENHOR! Salva-me, ó meu Deus!
Porque feriste o queixo de todos os meus inimigos,
quebraste os dentes dos perversos.
- 9 A salvação é do SENHOR:
tua bênção esteja sobre teu povo! [Pausa]

SALMO 4

- 1 *Para o dirigente. Com instrumentos de corda. Um salmo de Davi.*
- 2 Quando eu clamar, responde-me,
ó Deus de minha justiça!
Alargaste-me o espaço na aflição:
sê misericordioso comigo e escuta minha oração!
- 3 Ó filhos do homem, até quando minha honra será uma infâmia?
Amais coisas vãs, procurais a mentira. [Pausa]

de toda a terra a ele e o domínio sobre as demais nações (vv. 7-9). Mais ainda, fica claro que o rei escolhido por Deus não deve exercer seu governo de forma violenta, mas mediante um apelo de correção aos reis e juízes rebeldes (vv. 10-12).

3 Davi fugiu de Absalão, após este ter promovido uma revolta (v. 1). Ao receber a notícia da morte do filho revoltoso, o rei, porém, sofreu (2Sm 15-18). Inicialmente, o orante relata sua miséria (v. 2-4), porque opositores provocam isolamento e desespero. Mesmo assim, confia no Senhor. Na parte central (vv. 5-7), quem reza aqui se pronuncia sobre Deus. Atendido pelo Senhor, nem sequer perde o sono, apesar da oposição a ser enfrentada. Finalmente (vv. 8-9), o orante insiste para que o Senhor

se erga (v. 8) contra os inimigos perversos que se erguem contra aquele que reza (v. 2). O conhecimento da ação divina no passado (v. 8) é motivação suficiente para, também no presente, vislumbrar a salvação e a bênção do Senhor.

4 A experiência com Deus feita no passado motiva o orante a formular novas preces (v. 2). Afinal, o Senhor alargara o espaço para Abraão (Gn 13,17), Isaac (Gn 26,22) e o povo de Israel após o êxodo (Ex 3,8; 34,24; Dt 12,20; 19,8). Eis a justiça e a misericórdia divinas. Ao dirigir-se a seus opositores (vv. 3-6), o leal convida os insistentes na injustiça a descobrirem o Senhor como quem escuta o clamor do fiel. Tal verdade estarecedora deve incluir a descoberta de que, para o Senhor, confiança e justiça

- 4 Reconhecei que o SENHOR separou para si o leal!
O SENHOR escuta quando eu clamo por ele.
- 5 Estremecei, mas não pequeis!
Sobre vossos leitos, refleti em vossos corações e acalmai-vos! [Pausa]
- 6 Oferecei sacrifícios de justiça
e confiai no SENHOR!
- 7 Muitos dizem: “Quem nos fará ver o bem?”
Levanta a luz de tua face sobre nós, ó SENHOR!
- 8 Deste mais alegria a meu coração
do que no tempo em que se multiplicaram o grão e o mosto deles.
- 9 Vou deitar-me em paz e logo adormecer,
porque somente tu és o SENHOR: em segurança me farás habitar!

SALMO 5

- 1 *Para o dirigente. Com instrumentos de sopro. Um salmo de Davi.*
- 2 Ouve meus dizeres, ó SENHOR,
atende a meu gemido!
- 3 Presta atenção a meu grito de socorro, ó meu rei e meu Deus,
porque oro a ti!
- 4 SENHOR, de manhã escutas minha voz:
de manhã te preparo algo e vigio.
- 5 Porque tu não és um Deus que gosta de perversidade:
um malvado não se hospeda contigo.
- 6 Jactanciosos não se posicionam diante de teus olhos:
odeias todos os malfeitores.
- 7 Fazes parecer os que falam mentira:
o SENHOR detesta o homem sanguinário e embusteiro.
- 8 Eu, porém, por meio de tua lealdade abundante, vou à tua casa:
prostro-me, com temor a ti, em direção ao templo de tua santidade.
- 9 SENHOR, guia-me com tua justiça!
Por causa dos que me espreitam, torna reto, diante de mim, teu caminho!
- 10 Porque não há nada firme na boca deles:
infortúnios estão em seu interior.
Sua garganta é um túmulo aberto:
lisonjeiam com sua língua.
- 11 Declara-os culpados, ó Deus!
Que caiam por causa de seus planos!
Junto à abundância de suas rebeldias, dispersa-os,
porque se revoltaram contra ti!

são os sacrifícios agradáveis. Finalmente (vv. 7-9), o orante dirige-se ao Senhor testemunhando experiências contrastantes. Enquanto muitos, visando aos bens materiais, duvidam da presença do Senhor, quem reza aqui descobre o Senhor como sua fonte de alegria, paz e segurança.

5 Iniciando com preces individuais (vv. 2-3), o orante chama Deus de rei. Essa terminologia parece revelar proximidade com o templo de Jerusalém, vinculado à casa real (vv. 4.8). Assim, ao encontrar-se nesse santuário e preparar seu sacrifício matutino, o orante procura proteção judicial, vigiando pela atuação matutina de seu Deus (Sl 101,8). Afinal,

a manhã lembra o motivo da ajuda divina, porque, conforme a tradição religiosa do antigo Oriente e de Israel (Jó 38,12-15; Sf 3,5), a divindade profere seu julgamento manhã após manhã. Junto com isso, quem reza descreve as características principais de Deus (vv. 5-7). Fica claro que perversidade, malfeitoria, jactância, crime de sangue e embuste são práticas condenadas por Deus, impedidoras do acesso ao santuário. Aproxima-se, porém, o agraciado por Deus, disposto a reconhecer a santidade deste último (v. 8; Ex 34,6). Todavia, por sentir-se ameaçado por quem atua com palavras falsas, o orante pede que o Senhor o conduza no caminho divino da justiça

- 12 Alegrem-se, porém, todos os que em ti se abrigam!
Que jubilem eternamente!
Que os cubras!
E que triunfem em ti os que amam teu nome!
- 13 Porque tu, SENHOR, abençoaos o justo:
como com uma couraça o cercas com favor.

SALMO 6

- 1 *Para o dirigente. Com instrumentos de corda. Sobre a oitava. Um salmo de Davi.*
- 2 Ó SENHOR, que não me repreendas com tua ira
e não me corrijas com tua fúria!
- 3 Sê misericordioso comigo, SENHOR,
porque eu estou desfalecido!
Cura-me, SENHOR, porque meus ossos se apavoraram!
- 4 Minha alma muito se apavorou:
e tu, SENHOR, até quando?
- 5 Restaura, SENHOR! Livra minha alma!
Salva-me por causa de tua lealdade,
- 6 porque na morte não existe memória de ti!
Quem te agradecerá no mundo inferior?
- 7 Fiquei cansado com meu gemido:
a noite inteira inundo meu leito com pranto,
dissolvo minha cama.
- 8 Meu olho se consumiu de aborrecimento,
enfraqueceu-se entre todos os meus agressores.
- 9 Afastai-vos de mim, ó malfeitores todos,
porque o SENHOR escutou o som de meu choro!
- 10 O SENHOR escutou minha súplica,
o SENHOR aceita minha oração.
- 11 Que todos os meus inimigos se envergonhem
e fiquem muito apavorados!
Que retrocedam,
que se envergonhem em um instante!

SALMO 7

- 1 *Lamentação de Davi, que cantou ao SENHOR por causa das palavras do benjamita Cuch.*
- 2 SENHOR, meu Deus, abriguei-me em ti:
salva-me de todos os meus perseguidores e liberta-me,
- 3 para que ninguém despedace minha alma como um leão,
dilacerando-a sem que haja um libertador!

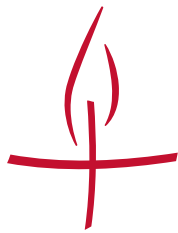
e da retidão (vv. 9-10). Outras preces insistem em destinos diferentes para quem se revolta contra Deus e para quem se abriga em Deus (vv. 11-12). Uma declaração de confiança na bênção do Senhor para o justo finaliza a oração (v. 13).

6 O orante vê o Senhor como educador. Pede-lhe que use a pedagogia da misericórdia, e não a da ira e da fúria (vv. 2-3). Estas últimas são experimentadas, por quem reza, como doença, sobretudo nos ossos (v. 3). Assustado, sente-se como quem parou de respirar, pois, na cultura hebraica, a alma (v. 4) é a parte do corpo humano que hospeda o sopro divino e, com

isso, a respiração. Não obstante, o orante insiste na lealdade do Senhor (v. 5), como fruto da misericórdia divina (v. 3). E, por Deus ser leal, espera-se que ele atue, de modo libertador (v. 5), em favor dos vivos, em especial de quem muito chora (vv. 7-8), a fim de que seja lembrado como Salvador (v. 5). No final, o orante visa a seus opositores (vv. 9-11). Convenido de que o Senhor é sensível à sua dor, imagina consequências para quem hostiliza o sofredor.

7 O título (v. 1) lembra a reação de Davi às palavras do cuchita que lhe trouxe a notícia sobre a morte de seu filho Absalão (2Sm 18,21-32). Nas preces iniciais

Novo Testamento



INTRODUÇÃO AO Novo Testamento

Testamento (em latim *testamentum*) é sinônimo da palavra *aliança* (em grego *diathékē*), a qual encontra suas raízes em Jr 31,31-34, uma passagem que influenciou o cristianismo das origens. Neste, a expressão *nova aliança* é usada para indicar o novo pacto que Deus estabeleceu por intermédio de Jesus (Lc 22,20; 1Cor 11,25; 2Cor 3,6; Hb 8,8-13; 9,15; 12,24). A transferência dessa terminologia para um conjunto de escritos nascidos depois da ressurreição de Jesus foi quase natural, dado o uso que Paulo faz da expressão *antiga aliança* para referir-se aos escritos da aliança mosaica (2Cor 3,14).

Orígenes (185-253) confirma esse uso em uma de suas obras: “Assumimos como prova de nossas considerações os testemunhos daqueles que são estimados por nós como escritos divinos, ou seja, daquilo que é chamado de Antigo Testamento e daquilo que é chamado de Novo Testamento” (*Dos princípios* IV 1,1).

Lúcio Lactânio (250-325), escritor eclesiástico latino, afirma: “Toda a Escritura está dividida em dois Testamentos. Aquele que precede o advento e a paixão de Cristo – ou seja, a Lei e os Profetas – é chamado de Antigo; e as coisas escritas depois de sua ressurreição são denominadas de Novo Testamento. Os judeus fazem uso do Antigo; nós, do Novo. Contudo, eles não são discordantes, pois o Novo é o cumprimento do Antigo, e em ambos está o mesmo testador” (*Instituições divinas* 4,20).

História e canonicidade

No período que vai, aproximadamente, de 50 a 150, um número de documentos começa a circular entre as comunidades cristãs espalhadas pelo Império Romano. Eles incluem epístolas, evangelhos, memórias, profecias, homilias e coleções de ensinamentos. Alguns deles eram considerados apostólicos, enquanto outros, inspirados na tradição dos

apóstolos e dos primeiros propagadores da mensagem cristã. Muitos deles procuravam ampliar, interpretar e aplicar o ensinamento apostólico para ir ao encontro das necessidades dos cristãos nas diversas localidades.

Em um momento dessa história, o cristianismo sentiu a necessidade de decidir quais, dentre todos os escritos existentes, podiam ser considerados inspirados por Deus, portadores de uma doutrina que remontava a Jesus e aos apóstolos, e, portanto, com caráter normativo para a fé. Com critérios definidos (ortodoxia, coerência, tradição), foi possível fazer um *cânon*. Os demais escritos foram chamados de apócrifos, ou seja, não recomendados para a leitura pública na igreja.

Somente a partir do século V foram aceitos no Ocidente os vinte e sete escritos que compõem o Novo Testamento. O Sínodo de Cartago (419) se expressa: “Parece-nos bom que, fora das Escrituras canônicas, nada deva ser lido na igreja sob o nome ‘Divinas Escrituras’. E as Escrituras canônicas são as seguintes: [segue a lista conhecida]. Isso se fará saber também a nosso santo irmão e sacerdote Bonifácio, bispo da cidade de Roma, e a outros bispos daquela região, para que esse cânon seja confirmado, pois foi isso que recebemos dos Padres como lícito para ler na igreja”. As igrejas de língua grega reconhecem oficialmente o mesmo cânon no século XII.

Língua e manuscritos

Todos os vinte e sete livros canônicos foram escritos em grego, que era a língua vigente na bacia mediterrânea desde a época de Alexandre Magno (356-323 a.C.). Tratava-se de um grego popular denominado *coine*, que a maioria dos leitores e ouvintes conhecia. Ainda que Jesus e seus primeiros discípulos falassem aramaico, os Evangelhos trazem suas palavras em grego. Isso mostra um primeiro trabalho de tradução da mensagem de Jesus.

Essa semelhança na linguagem, contudo, não deve levar a concluir que haja uma homogeneidade de pensamento. De fato, por trás das palavras gregas deve ser considerada a herança cultural de seus escritores, conforme se comprova na leitura de obras tão diferentes como Mateus, Hebreus e Apocalipse.

Como outros escritos da Antiguidade, o Novo Testamento foi preservado e transmitido em manuscritos. Dos mais antigos, especificamente papiros, existem somente fragmentos que remontam ao século II. Por causa da expansão do cristianismo, houve esforços por realizar cópias em materiais mais resistentes, como o pergaminho (couro). Isso permitiu que os manuscritos sobrevivessem cada vez mais ao tempo. Os manuscritos completos mais antigos de que se dispõe hoje são os códices pergaminhos Sinaítico e Vaticano, datados do século IV.

Ordem dos textos

Os escritos do Novo Testamento não estão dispostos na ordem em que foram escritos. Após inúmeras mudanças ao longo do tempo, a ordem atual mescla critérios cronológicos e temáticos: a vida de Jesus (Evangelhos) precede a história da primeira igreja (Atos); as diversas Epístolas ou Cartas refletem a vida das primeiras comunidades de fé; e o Apocalipse fecha a lista com uma grande visão de um futuro definitivo.

Essa ordem – uma das sete que circulavam na igreja antiga – é a que foi citada no Síodo de Cartago (419) e adotada pelo Concílio de Trento (1545-1563). Hoje ela é aceita pela grande maioria das igrejas cristãs.

A revelação em Jesus Cristo

“Muitas vezes e de muitas formas, Deus falou a nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos pelo Filho” (Hb 1,1-2a).

Deus quer e pode comunicar-se com as pessoas de todos os tempos. Sua iniciativa encontra homens e mulheres que experimentam sua atuação nos acontecimentos da história, os quais são capazes de interpretá-la e transmiti-la em linguagem humana.

Na qualidade de Escritura Sagrada, o Novo Testamento se apresenta como um conjunto de testemunhos dessa revelação de Deus na história que, em Jesus, a *Palavra que se fez carne*, alcança sua máxima expressão. Esses testemunhos tornam possível que essa revelação seja manifestada ainda hoje, pedindo uma resposta por parte do leitor. Com efeito, seu potencial revelador se atualiza quando age como meio de encontro com Deus e com seu projeto manifestado plenamente em Jesus. Porque, como diz João: “Estes foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20,31).

Citações do Antigo Testamento

O *italico* na tradução indica os textos do Antigo Testamento citados no Novo Testamento

ex: Mt 1,23, que cita a versão grega de Is 7,14; 8,8.10: “*A virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão pelo nome de Emanuel*”

Referências e paralelos

As referências no final da página indicam textos bíblicos afins

ex: Mt 2,2: Nm 24,17: Mateus 2,2 remete a Números 24,17

As citações acompanhadas por duas barras verticais (||) marcam os paralelos sinóticos

ex: Mt 1,18-25: || Lc 2,1-7

Jo 1,40-42: Mt 4,18-20 ||

Obs.: quando a citação é seguida de (LXX), refere-se à versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta.

Mt

INTRODUÇÃO

Origem do Evangelho Como o autor não se revela dentro da narrativa, muitas são as tentativas de identificá-lo com um dos apóstolos que estavam com Jesus, ou seja, o coletor de impostos Mateus (Mt 9,9), que seria o mesmo Levi de Alfeu citado por Marcos (Mc 2,14). Ainda que esse apóstolo tenha participado da fundação de uma comunidade eclesial, no âmbito da qual este Evangelho teve origem, o autor parece identificar-se com um escriba hábil a serviço do Reino de Deus, capaz de refletir sobre a novidade trazida por Jesus ao judaísmo existente no primeiro século (Mt 13,52; 23,34).

Entre os escritores eclesiásticos, Inácio – bispo e mártir de Antioquia († 107) – é o primeiro autor a utilizar material próprio de Mateus na redação de algumas de suas cartas (Esmirna 1,1; Policarpo 2,2; Efésios 19,2-3). Eusébio de Cesareia, em sua obra *História Eclesiástica*, escrita no século IV, informa que o bispo de Hierápolis, Papias (aproximadamente 125), cita Mateus como sendo o autor de uma coleção de ditos hebraicos/aramaicos de Jesus. Irêneu, bispo de Lião (aproximadamente 180), fala de Mateus como o autor do Evangelho dos Hebreus. Este mesmo Padre da Igreja testemunha que, no final do século II, o evangelho grego de Mateus estava disponível e era aceito como autorizado. A esses testemunhos externos deve-se acrescentar a referência “segundo Mateus” que vários manuscritos antigos da obra – entre os quais o códice Sinaitico e o códice Vaticano – trazem a modo de título.

A maioria dos estudiosos considera que o Evangelho segundo Mateus procede de Antioquia, capital da província romana da Síria (hoje na Turquia), a terceira cidade do Império, atrás em importância somente de Roma e Alexandria. Segundo os Ato dos Apóstolos, a igreja dessa cidade havia sido formada por cristãos oriundos do judaísmo que tinham escapado da primeira perseguição acontecida depois do martírio de Estêvão (At 11,19-21). Sendo assim, o ambiente helenista da cidade teria influenciado a formação de uma comunidade mista,

de mediação e síntese entre membros de culturas diferentes. De fato, Mateus consegue sintetizar tradições judaicas muito particulares (Mt 10,36; 15,24) com outras universalistas (Mt 28,16-20); tradições judaicas estritamente legalistas (Mt 5,18-19) com outras mais críticas da Lei (Mt 5,31s.38s; 12,1-8).

A data de redação do Evangelho segundo Mateus situa-se entre os anos 80 e 90.

Estrutura do Evangelho Diante de uma obra de tamanha extensão, o leitor gostaria de ter uma visão básica do texto para não se perder em seu caminho de leitura e reflexão. O Evangelho segundo Mateus deixou no texto algumas *marcas* de leitura.

(1) Primeiramente, podem-se comprovar duas repetições que acontecem em lugares importantes da narrativa. Em Mt 4,17, depois da prisão de João Batista, Mateus anuncia o início do ministério público de Jesus (“A partir desse momento, Jesus começou a proclamar...”). Em Mt 16,21, depois de Pedro confessar que Jesus é o Messias, Mateus indica as consequências do messianismo de Jesus (“A partir desse momento, Jesus começou a explicar a seus discípulos que era necessário ir a Jerusalém...”).

(2) Também é evidente a intencionalidade da fórmula que marca o final dos cinco grandes discursos deste Evangelho: “Quando Jesus terminou [o ensinamento]” (Mt 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1). Essas indicações claras permitem ver o fluxo de todo o Evangelho como uma alternância de ações e discursos, relacionados entre si por vocabulário e temáticas comuns.

Com base nesses indicadores textuais e nos elementos geográficos que demarcam o ministério de Jesus, propõe-se a seguinte estrutura:

1,1-4,11 Início do evangelho de Jesus

1-2 *Genealogia e infância de Jesus*

3,1-4,11 *Preparação para a missão de Jesus*

4,12-18,35 Jesus na Galileia

4,25-8,1 *Discurso sobre o Reino de Deus*

8,2-9,38 *Autoridade de Jesus e discipulado*

10,1-11,1 *Discurso missionário*

- 11,2–12,50 *Adesão e oposição à mensagem de Jesus*
 13,1-52 *Discurso em parábolas*
 13,53–17,27 *Feitos de Jesus, discipulado e glória*
 18,1–18,35 *Discurso comunitário*
19,1–20,34 **Jesus a caminho de Jerusalém**
21,1–28,15 **Jesus em Jerusalém**
 21,23–24,2 *Confronto com as autoridades religiosas*
 24,3–26,1 *Discurso escatológico*
 26,2–28,15 *Paixão, morte e ressurreição de Jesus*
28,16-20 **Início da missão universal**

Temas do Evangelho

Jesus Cristo Embora Jesus seja a principal personagem do Evangelho, Deus é a força principal que age por detrás da narrativa e do mundo imaginado por Mateus. Com efeito, a maioria das ações e objetivos das personagens – individuais ou coletivas – se relaciona, positiva ou negativamente, com os planos e ações de Deus.

O primeiro título aplicado a Jesus é o de *Cristo* (Mt 1,1), relacionando Jesus à história e às esperanças de Israel. No entanto, a noção cristã de um Messias humilhado, sofredor e crucificado era totalmente estranha ao judaísmo do tempo de Jesus. Até mesmo o precursor, João Batista, tinha dúvidas sobre essa identidade (Mt 11,2s); mas, por intermédio de revelação divina, Pedro a afirma com força (Mt 16,16). O próprio Jesus reafirma seus vínculos messiânicos davídicos no confronto com os líderes religiosos de Jerusalém (Mt 22,41s) e diante do Sinédrio (Mt 26,63s). E, mesmo sofrendo a morte de cruz, o Messias Jesus é ressuscitado e recebe toda a autoridade (Mt 28,18).

Quando batizado, Jesus é aprovado como o amado *Filho de Deus* e provido com o Espírito para sua missão (Mt 3,17). Ele mostra seu caráter de filho na submissão à vontade do Pai (Mt 4,3.6). O Filho é o único caminho para conhecer o Pai (Mt 11,27). Pedro, em sua confissão, realiza a relação exata entre o messianismo e a filiação de Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente” (Mt 16,16). E até mesmo os soldados romanos, no momento da crucificação, aderem a essa convicção (Mt 27,40.43.54).

Para Mateus, Jesus também é o *Filho de Davi* (Mt 1,1). A linhagem davídica de Jesus é enfatizada na narrativa da infância (Mt 1,6.17.20). No relato, esse título aparece nos lábios daqueles que procuram ser curados por Jesus (Mt 9,27; 15,22; 20,30s), o qual, diferentemente

dos soberanos, exerce sua autoridade régia não para oprimir, mas sim para socorrer os necessitados. As multidões o aclamam como tal em sua entrada em Jerusalém (Mt 21,9), e isso será causa de indignação por parte dos líderes contra Jesus (Mt 21,15).

A convicção de ver a presença de Deus na pessoa de Jesus faz com que Mateus o apresente como *Emanuel* (Deus-conosco). No início da narrativa (Mt 1,23), Mateus desenvolve esse conceito a partir do texto de Is 7,14, e no final valendo-se da promessa que Jesus realiza a seus discípulos de estar com eles até o fim dos tempos (Mt 28,20).

Mateus utiliza outros títulos para descrever a multifacetada personalidade de Jesus: *Filho do Homem* (trinta vezes); *pastor* (Mt 2,6; 9,36; 26,31); *noivo* (Mt 9,15; 25,1); *servo* (Mt 12,18); *profeta* (Mt 13,57; 16,14; 21,11); *pedra angular* (Mt 21,42-44); *mestre* (Mt 8,19; 12,38; 19,16); *rabi* (Mt 26,25.49); *Senhor* (Mt 7,21s; 8,2; 15,22; 20,30s).

O Reino dos Céus O *Reino dos Céus* é sem dúvida o centro da mensagem de Jesus em Mateus. A expressão é própria deste evangelista e reflete a concepção da terra como morada da humanidade e dos céus como morada de Deus e seus anjos: é dali que Deus exerce sua realza. Ela ocorre trinta e duas vezes na narrativa, enquanto a expressão mais comum, *Reino de Deus*, somente quatro vezes (Mt 12,28; 19,24; 21,31.43). Esse reino está no coração das proclamações de João Batista, de Jesus e da comunidade (Mt 3,2; 4,17; 10,7; 13,19; 24,14). As ações prodigiosas de Jesus demonstram a autoridade desse reino (Mt 4,23-25; 8,9-13; 9,6-8; 12,28; 20,30-34); seu ensinamento sobre os valores éticos dos discípulos caracteriza esse reino (Mt 5,3.10.19.20; 6,10.33; 7,21); suas parábolas descrevem a ação do reino como história reidentora (Mt 13,11.19.24.31.33.38.43-45.47.52; 18,23; 22,2; 25,1); e, na qualidade de rei, ele julgará o mundo (Mt 25,34.40).

A palavra traduzida por *reino* (em hebraico “*malkut*”, em grego “*basileía*”) conota um poder dinâmico, ou seja, reinado/realza, mais do que um domínio geográfico concreto, embora os dois conceitos não possam ser separados. De fato, João Batista, Jesus e os discípulos anunciam a alvorada do reino (Mt 3,2; 4,17; 10,7). Diante de sua presença, a pessoa deve assumir uma atitude ativa de busca, porque o sentido mais profundo da vida humana consiste em poder *entrar no reino* (Mt 5,20; 7,21; 19,23s; 21,31.43) e participar de seu banquete (Mt 8,11). O poder régio de Deus está dinamicamente presente nas

palavras e atos de Jesus (Mt 12,28), e a própria igreja é dotada desse poder dinâmico para sua missão ao confessar Jesus como Filho de Deus (Mt 16,18s; 28,18-20).

No entanto, essa dinâmica presente do reinado de Deus coexiste com a esperança escatológica de sua plena manifestação (Mt 6,10). Aqueles que já vivem essa experiência devem empenhar-se para que a justiça desse reino espalhe-se na terra (Mt 6,33), até que toda a humanidade seja colocada sob o reinado de Deus (Mt 7,21-23; 25,31.34). O Reino de Deus inaugurado por Jesus espera sua completa consumação.

A igreja de Jesus Mateus é o único evangelista que utiliza a palavra “igreja” (em grego “ekklesiá”) para falar da nova comunidade que crê em Jesus. Ela é o *novo Povo de Deus* que surge de um Israel que não soube ver em Jesus o Messias esperado (Mt 21,33-43). Jesus a chama de *minha igreja* (Mt 16,18), porque ele é quem a reúne, edifica e consolida (Mt 18,20; 28,20), e ela é quem deve dar continuidade à missão dele (Mt 10). Embora a igreja não deva ser confundida com o *Reino de Deus*, ambas as realidades estão intimamente vinculadas.

O primeiro núcleo da igreja encontra-se no grupo original dos doze apóstolos (Mt 10,1-4), no qual se destaca a figura de Pedro. Sem dissimular suas incoerências, Mateus o apresenta

como o protótipo do discípulo capaz de professar a verdadeira fé em Jesus (Mt 16,16). Embora todos eles pertençam, por origem, a Israel, apresentam os futuros discípulos que compreendem os ensinamentos de Jesus (Mt 13,23; 16,12; 17,13) e que confessam sua fé nele (Mt 14,33). A igreja de Jesus é, portanto, uma comunidade aberta a todos, sem distinção.

O Evangelho da práxis Ainda que as palavras de Jesus sejam abundantes, o Evangelho segundo Mateus enfatiza de modo especial sua prática. Diferentemente daqueles que *dizem, mas não fazem* (Mt 23,3), Jesus se caracteriza por sua coerência entre o dizer e o fazer. Suas palavras visam a atos que, por sua vez, produzam frutos. Esse foi o caminho escolhido por Jesus para fazer a vontade de seu Pai, e essa deveria ser a escolha do cristão, pois “basta ao discípulo chegar a ser como seu mestre” (Mt 10,25).

Para os leitores deste Evangelho, fica claro que a identidade do cristão é determinada não pelo que ele diz, mas pelo que faz, porque isso revela o que tem no coração (Mt 15,19). As obras podem ser discernidas no presente pelos discípulos (Mt 7,15-20), mas as palavras serão examinadas por Jesus no final (Mt 7,21-23).

O Evangelho segundo Mateus pode ser visto como o *manual do discípulo* que quer compreender a maneira de Deus exercer sua soberania, e que deseja colaborar com a instauração desse reinado produzindo frutos de justiça.



INÍCIO DO EVANGELHO DE JESUS GENEALOGIA E INFÂNCIA DE JESUS

1 Livro da origem de Jesus, Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

Genealogia de Jesus **2** Abraão gerou Isaac; Isaac gerou Jacó; Jacó gerou Judá e

seus irmãos. **3** Judá gerou Farés e Zara, de Tamar. Farés gerou Esrom; Esrom gerou Aram; **4** Aram gerou Aminadab; Aminadab gerou Naasson; Naasson gerou Salmon. **5** Salmon gerou Booz, de Rahab. Booz gerou Obed, de Rute. Obed gerou Jessé; **6** Jessé gerou o rei Davi.

1,1 A missão de Jesus como *Cristo* (em português “Ungido”, em hebraico “Messias”) de Deus se liga à tradição hebraica. Nele se cumpre a promessa feita a Abraão de ser bênção para todos os povos e de ter descendência ilimitada (Gn 17,4s; 18,18; 21,17s), e a ele compete o caráter régio de Davi (2Sm 7,1-17), características estas que serão extensivas a seus seguidores (Mt 8,11; 19,28). A expressão *livro da origem* encontra-se na Bíblia Grega (LXX) somente em Gn 2,4a (abrindo a segunda narração da criação do homem) e Gn 5,1 (iniciando a árvore genealógica da humanidade); com seu uso, Mateus parece querer

descrever a nova criação que Jesus inicia e que continua por obra dele (Mt 28,1).

1,2-17 O caráter histórico do Messias é destacado ao relacionar em sua ascendência pessoas de todo tipo e condição social: grandes patriarcas e reis, mas também escravos, pastores e um carpinteiro. Mencionar mães em genealogias patriarcais (v. 6) tem precedentes bíblicos (1Cr 2-3). As mulheres estrangeiras mencionadas (*Tamar* [v. 3; Gn 38,2-26], *Rahab* [v. 5; Js 2,1-21], *Rute* [v. 5; Rt 1-4] e a *mulher de Urias* [v. 6; 2Sm 11-12; 1Rs 1]) preparam o leitor para a quinta e última mulher da lista, *Maria* (v. 16). Na cultura

Davi gerou Salomão, da que fora mulher de Urias. **7** Salomão gerou Roboão; Roboão gerou Abias; Abias gerou Asa. **8** Asa gerou Josafá; Josafá gerou Jorão; Jorão gerou Ozias. **9** Ozias gerou Joatão; Joatão gerou Acáz; Acáz gerou Ezequias. **10** Ezequias gerou Manassés; Manassés gerou Amon; Amon gerou Josias. **11** Josias gerou Jeconias e seus irmãos, na ocasião do exílio na Babilônia.

12 Depois do exílio na Babilônia, Jeconias gerou Salatiel; Salatiel gerou Zorobabel. **13** Zorobabel gerou Abiud; Abiud gerou Eliaquim; Eliaquim gerou Azor. **14** Azor gerou Sadoc; Sadoc gerou Aquim; Aquim gerou Eliud. **15** Eliud gerou Eleazar; Eleazar gerou Matã; Matã gerou Jacó, **16** e Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo.

17 Portanto, o total das gerações é: desde Abraão até Davi, catorze gerações; desde Davi até o exílio na Babilônia, catorze gerações; e desde o exílio na Babilônia até o Cristo, catorze gerações.

Nascimento de Jesus **18** A origem de Jesus, Cristo, foi assim: Maria, sua mãe, estando comprometida em casamento a José – mas antes de viverem juntos –, encontrou-se grávida por obra do Espírito Santo. **19** José, esposo dela, sendo justo mas não querendo difamá-la publicamente,

patriarcal do Novo Testamento, *gerar* (vv. 2-16) significa não somente dar existência, mas também transmitir as qualidades, a própria maneira de ser e agir: o filho é imagem de seu pai. Jesus refletirá o ser e a ação de seu único Pai, Deus. A divisão em três grupos de catorze gerações (v. 17) indica as grandes etapas da história da salvação, com Jesus inaugurando a definitiva.

1,18-25 A celebração dos esponsais vincula definitivamente os noivos, a tal ponto que, para desfazê-los, é necessária uma ata de divórcio (Dt 24,1). A Lei mosaica considera a infidelidade da prometida um adultério que merece julgamento (Dt 22,23-27). Sem se ater à rígida literalidade da lei, José não quer expor Maria à vergonha pública. O *Espírito Santo* (v. 18) é a força vital divina que faz Maria conceber: a concepção e o nascimento de Jesus acontecem por vontade e obra de Deus (Mt 3,11). O *anjo do Senhor* (v. 20) é denominação do Antigo Testamento para designar, muitas vezes, o próprio Deus (Gn 16,7; Ex 3,2 etc.). Em Mateus, aparece para defender a vida (Mt 2,13) e

decidiu repudiá-la em segredo. **20** Mas, enquanto ele refletia sobre isso, um anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho e disse: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado é do Espírito Santo! **21** Ela dará à luz um filho, e tu o chamarás pelo nome de Jesus, pois ele salvará seu povo dos pecados deles”.

22 Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que tinha sido dito pelo Senhor por meio do profeta: **23** “*A virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão pelo nome de Emanuel* (que traduzido é: *Deus-conosco*)”.

24 Quando José despertou do sono, fez como o anjo do Senhor lhe tinha ordenado. Ele recebeu sua mulher, **25** e não a conheceu até que deu à luz um filho, a quem o chamou pelo nome de Jesus.

2 **Visita dos magos** **1** Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos vindos do oriente chegaram a Jerusalém, **2** perguntando: “Onde está o recém-nascido Rei dos Judeus? De fato, vimos surgir sua estrela e viemos adorá-lo”.

3 O rei Herodes ouviu isso e sobresaltou-se, e com ele toda Jerusalém. **4** Tendo convocado todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, interrogou-os sobre onde o Cristo haveria de nascer. **5** Eles lhe

para anunciar a vitória da vida sobre a morte (Mt 28,2). O nome hebraico *Jesus* (v. 21; “Yeshua”, “Deus salva”) poderia ser traduzido como “Salvador”, mantendo o jogo de palavras subjacente entre o nome e sua missão. A função das “citações de cumprimento” (v. 22) é demonstrar a realização de uma profecia conhecida, reafirmando que, na vida de Jesus, tudo acontece conforme um desígnio divino (Mt 2,15.17.23; 4,14; 8,17 etc.). O verbo *conhecer* (v. 24) é eufemismo para indicar as relações sexuais (Gn 4,1.17; 1Sm 1,19). Ao dar nome ao menino (v. 25), José aceita a paternidade legal.

2,1-12 O rei *Herodes* (v. 1), nomeado Magno, vassalo de Roma (entre 37-4 a.C.), é conhecido por seus projetos arquitetônicos (incluindo o Templo de Jerusalém) e por sua crueldade despótica (Mt 2,16ss). Os *magos*, estudiosos orientais que examinam os astros em busca de eventos de valor universal, são os que anunciam ao Povo de Deus o nascimento do verdadeiro Rei-Messias dele. O verbo *gerar* traduzido por *adorar* (vv. 2.8.11) significa prostrar-se para saudar alguém superior, tanto reis como deuses, em sinal de

responderam: “Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta:

6 *‘E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menos importante entre as principais de Judá; pois de ti sairá um chefe que será pastor de meu povo, Israel!’*.”

7Então Herodes, chamando em segredo os magos, certificou-se com eles do tempo do aparecimento da estrela. **8**Tendo-os enviado a Belém, disse: “Procurai informações precisas a respeito do menino! Quando o encontrardes, avisai-me para que também eu possa ir adorá-lo!” **9**Depois de ouvirem o rei, partiram. De pronto, a estrela que tinham visto surgir começou a guiá-los até que, tendo chegado sobre o lugar onde estava o menino, se deteve. **10**Ficaram extremamente alegres ao ver a estrela. **11**Tendo entrado na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, tendo-se prostrado, adoraram-no. Então, tendo aberto os cofres deles, lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra.

12Advertidos em sonho para que não retornassem a Herodes, retiraram-se para a região deles por outro caminho.

Fuga para o Egito **13**Assim que eles se retiraram, um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e disse: “Levanta-te, pega o menino e sua mãe, e foge para o Egito! Fica lá até que eu te avise, pois Herodes vai buscar o menino para eliminá-lo!”

reverência, obediência, fidelidade. Os *sumos sacerdotes* (v. 4) indicam o grupo formado pelo sumo sacerdote em exercício em Jerusalém, seus predecessores e os membros da aristocracia sacerdotal, constituindo o grupo mais influente do Grande Conselho ou Sinédrio. Os *escribas* (v. 4), formados após anos de estudo, são especialistas na Lei mosaica. A *estrela* (v. 9) é figura do recém-nascido (Nm 24,17), visível somente para os que esperam um libertador, tanto judeus como gentios. À realeza do menino correspondem dons que simbolizam submissão e aliança (Lv 2,1-16; Ct 3,6; Eclo 24,15; Jr 6,20).

2,13-15 A ação de José (até o final do capítulo) segue de perto a do patriarca José, que salvou sua família levando-a para o Egito (Gn 45-46). Para Mateus, o

14Tendo-se levantado, José pegou de noite o menino e sua mãe, e retirou-se para o Egito. **15**Ficou lá até a morte de Herodes. Assim, cumpriu-se o que tinha sido dito pelo Senhor por meio do profeta: “*Do Egito chamei meu filho*”.

Massacre dos inocentes **16**Então Herodes, ao perceber que fora enganado pelos magos, ficou furioso e mandou matar, em Belém e em todo o território dela, todos os meninos de dois anos para baixo, considerando o tempo que os magos tinham-lhe precisado.

17Então se cumpriu o que tinha sido dito por meio do profeta Jeremias:

18 *“Uma voz foi ouvida em Ramá, pranto e grande lamento: Raquel chora por seus filhos e não quer ser consolada, porque já não existem”.*

Retorno ao Egito **19**Depois que Herodes morreu, um anjo do Senhor apareceu em sonho a José no Egito **20**e disse: “Levanta-te, pega o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, pois aqueles que procuravam tirar a vida do menino já morreram!” **21**Ele se levantou, pegou o menino e a mãe deste, e entrou na terra de Israel. **22**Mas, quando soube que Arquelau reinava na Judeia no lugar de seu pai, Herodes, teve medo de ir para lá. Advertido em sonho, retirou-se para a região da Galileia **23**e foi morar em uma cidade chamada Nazaré. Assim, cumpriu-se o

êxodo de Moisés com o povo eleito serve como figura do novo e definitivo êxodo que Jesus, o Messias-Filho, realizará com seu povo (v. 15): o Israel fiel (José) e a nova comunidade (Maria).

2,16-18 A citação de Jr 31,15 (v. 18) é somente o início de uma profecia que termina em tom confiante para Israel: “Há uma esperança para teu futuro – dito do Senhor –; os filhos voltarão à sua pátria” (Jr 31,17). A violência desmedida do poder, causadora de sofrimento, não impedirá a realização do desígnio divino. **2,19-23** *Arquelau* (v. 22), filho de Herodes, governa a região da Judeia, Samaria e Idumeia de 4 a.C. até 6 d.C., quando é destituído e exilado pelo imperador Augusto, o qual institui em seu lugar um governador romano. O termo *nazoreu* (v. 23) não corresponde ao

que fora dito por meio dos profetas, que seria chamado “nazoreu”.

PREPARAÇÃO PARA A MISSÃO DE JESUS

3 Pregação de João Batista ¹Naqueles dias, apresentou-se João Batista proclamando no deserto da Judeia: ²“Convertei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo!”

³Este é o que foi anunciado pelo profeta Isaías:

“Voz de alguém que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, fazei retas suas veredas!”

⁴João usava veste de pelos de camelo e um cinto de couro em volta de sua cintura; seu alimento eram gafanhotos e mel silvestre. ⁵Então acorriam a ele Jerusalém, toda a Judeia e toda a região vizinha do Jordão; ⁶e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os pecados deles.

⁷Ao ver que muitos fariseus e saduceus vinham para o batismo dele, lhes disse: “Crias de víboras! Quem vos advertiu para escapar da ira iminente? ⁸Produzi, pois, frutos que confirmem vossa conversão, ⁹e não penseis dizer em vós mesmos: ‘Abraão é nosso pai!’ Pois vos digo que destas pedras Deus pode suscitar

filhos para Abraão. ¹⁰O machado já está próximo à raiz das árvores, e toda árvore que não produz fruto bom é cortada e lançada ao fogo.

¹¹Eu vos batizo com água, em vista da conversão; mas aquele que vem atrás de mim é mais forte que eu, de quem não estou à altura de tirar-lhe as sandálias. Ele vos batizará com Espírito Santo e fogo. ¹²O forçado está em sua mão: limpará sua eira e recolherá seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível”.

Batismo de Jesus ¹³Nesse tempo, Jesus foi da Galileia ao Jordão até João, para ser por ele batizado, ¹⁴mas João tentava dissuadi-lo: “Tu vens a mim? Sou eu quem necessita ser batizado por ti”. ¹⁵Jesus, porém, lhe respondeu: “Consente por ora, pois assim nos convém cumprir toda a justiça!” Então o consentiu.

¹⁶Tendo sido batizado, Jesus logo subiu da água, e eis que os céus foram abertos, e ele viu o Espírito de Deus descer como pomba e vir sobre ele. ¹⁷E uma voz dos céus disse: “Este é meu Filho Amado, no qual me comprazo”.

4 A prova de Jesus ¹Então Jesus foi conduzido ao deserto pelo Espírito

gentílico “nazareno”, referindo-se, talvez, ao hebraico “netser” (“broto” ou “rebento”), aplicado ao descendente de Davi (Is 11,1), ou a “naziraios” (de “nazir”, “consagrado a Deus”), referido a Sansão (Jz 13,5).

3,1-12 A expressão *Reino dos Céus* (v. 2), própria de Mateus (Mc, Lc e Jo utilizam “Reino de Deus”), indica a chegada de Deus, que vem para reinar sobre aqueles que *se converterem* (literalmente “mudarem a mentalidade”); a mudança na conduta de vida possibilita a produção de novos frutos (v. 8; Mt 7,16-20; 13,22s; 21,43 etc.). O *deserto* geográfico (v. 3) evoca o início de Israel como Povo de Deus; por isso, os profetas utilizam-no como imagem para invocar um novo começo e para exortar o povo a ser fiel à aliança (Jr 2,2s; Os 2,14-16). Pensava-se que o profeta Elias (v. 4), levado aos céus nesse mesmo deserto (2Rs 2,4-12), voltaria para purificar Israel antes dos últimos dias (Mt 3,23); Mateus dá elementos que ajudam a identificar João com Elias (2Rs 1,8; 2,6-12). Os *fariseus e saduceus* (v. 7) querem supervisionar o novo fenômeno religioso, mas sem reconhecer a injustiça em que vivem e sem retificar a conduta deles. A metáfora do julgamento divino

sobre as outras nações (v. 10; Is 10,33s; Ez 31; Dn 4,14) aplica-se agora à nação santa. *Tirar as sandálias* (v. 11) é expressão do âmbito matrimonial judaico; é gesto público para indicar a apropriação do direito que alguém tem de casar com a viúva do irmão falecido (lei do levirato [Dt 25,5; Rt 4,7s]). O Batista reconhece que somente Jesus tem direito de desempenhar o papel de esposo na nova e definitiva aliança.

3,13-17 O termo *justiça* (v. 15) indica em Mateus a conduta apropriada e fiel diante de Deus (Mt 5,10). Ao aceitar o batismo, Jesus reconhece a missão de João e a insere no contexto maior do projeto divino (Mt 11,2-15). A resposta divina (vv. 16-17) combina elementos audiovisuais: a abertura dos céus (Ez 1,1; Is 63,19; At 7,56; Ap 4,1), a suave descida do Espírito de Deus (Gn 1,2; Is 61,1; At 2,2s), a voz dos céus (Dn 4,31-32) e a declaração da identidade de Jesus (Sl 2,7; Is 42,1), que é confirmado como *Filho Amado* de Deus (Mt 1,18.20) e fica plenamente habilitado a assumir sua missão messiânica (Mt 12,17-21).

4,1-11 O verbo grego traduzido como *ser tentado* significa “tentar” (sentido pejorativo) ou simplesmente

para ser tentado pelo Diabo. ²Tendo jejuado durante quarenta dias e quarenta noites, ele teve fome.

³O Tentador, tendo-se aproximado, lhe disse: “Se és filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães!” ⁴Ele, porém, respondeu: “Está escrito: *‘Não somente de pão viverá o homem, mas também de toda palavra que sai da boca de Deus’*”.

⁵Então o Diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o no ponto mais alto do Templo ⁶e lhe disse: “Se és filho de Deus, atira-te para baixo! Pois está escrito: *‘Dará ordens a seus anjos a teu respeito; eles te levarão em suas mãos, para que teu pé não tropece em alguma pedra’*”. ⁷Jesus lhe disse: “Também está escrito: *‘Não tentarás o Senhor teu Deus’*”.

⁸O Diabo o levou ainda a uma montanha muito alta e lhe mostrou todos os reinos do mundo com o esplendor deles, ⁹dizendo-lhe: “Dar-te-ei tudo isso, se de joelhos te prostrares diante de mim”. ¹⁰Então Jesus lhe replicou: “Vai-te, Satanás! Pois está escrito: *‘Diante do Senhor, teu Deus, te prostrarás e somente a ele prestarás culto’*”.

¹¹Então o Diabo o deixou, e anjos se aproximaram para servi-lo.

“pôr à prova” (v. 1; Mt 16,1; 19,3; 22,18.35). O *deserto* evoca o lugar onde Israel experimentou as provações e a assistência de Deus antes de alcançar a terra prometida (Ex 16,35). Os *quarenta dias e quarenta noites* de Jesus lembram a experiência de Moisés (Ex 34,28) e a de Elias (2Rs 19,8). Nesta perícopie, a mesma personagem aparece com três nomes: *Tentador* (v. 3), *Diabo* (vv. 5.8.11) e *Satanás* (v. 10): *Diabo* (em grego “diábolos”) e *Satanás* (em hebraico “satán”) têm significado semelhante: “adversário”, “acusador” (1Sm 29,4; 1Rs 11,25; 1Mc 1,36; Jó 1-2; Sl 109,6); ambos servem para designar o inimigo por antonomásia do Reino de Deus proposto por Jesus (Mt 16,1; 19,3; 22,18.35). Nos versículos 3-4, o que está sendo posto à prova é a confiança filial de Jesus; segundo Dt 8,3 (v. 4), a obediência a Deus é sempre prioritária, mesmo sobre a essencial provisão de alimento (Sb 16,26; Mt 6,24-33). Nos versículos 5-7, Jesus descobre a falsidade do desafio (v. 7), que lembra o de Massa (Ex 17,1-7): o filho é que deve demonstrar sua fidelidade ao Pai; não o contrário. Nos versículos 8-10, a resposta de Jesus (v. 10) proclama a exclusividade do Deus de Israel e a responsabilidade de amá-lo sem medida (Dt 6,13). A atividade do *Diabo* (v. 11), aqui derrotado, ainda não

JESUS NA GALILEIA

“O Reino de Deus está próximo!” ¹²Tendo ouvido que João fora entregue, Jesus se retirou para a Galileia. ¹³Deixou Nazaré e foi morar em Cafarnaum, cidade litorânea, nos territórios de Zabulon e Neftali. ¹⁴Assim se cumpriu o que tinha sido dito por meio do profeta Isaías:

¹⁵ “*Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, do outro lado do Jordão, Galileia das nações.*

¹⁶ *O povo que habitava nas trevas viu uma grande luz; sobre os que habitavam na região sombria da morte uma luz surgiu.*

¹⁷A partir desse momento, Jesus começou a proclamar: “Converti-vos, pois o Reino dos Céus está próximo!”

Primeiros seguidores ¹⁸Caminhando junto ao mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos – Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão –, que estavam lançando uma tarrafa ao mar, pois eram pescadores. ¹⁹Disse-lhes: “Vinde atrás de mim, e vos farei pescadores de homens!” ²⁰Eles,

acabou (Mt 5,37; 6,13; 12,28; 13,19.38). Jesus é servido pelos anjos, mas somente depois de confirmar sua confiança no projeto do Pai (Mt 26,53).

4,12-17 A região da Galileia (v. 15) sempre foi lugar de miscigenação entre israelitas e habitantes provenientes dos reinos que a conquistaram (2Rs 15,29; 17,24-34), e por essa razão não é bem-vista por Jerusalém. O profeta Isaías (vv. 15-16) anuncia o fim da opressão e o nascimento de uma esperança após a devastação causada pela invasão assíria (Is 8,23-9,6). Jesus inicia sua pregação utilizando a mesma mensagem do Batista (v. 17; Mt 3,11), mas sem associar sua própria proclamação a nenhum tipo de batismo ou rito especial, nem a julgamento condenatório.

4,18-22 *Simão* é um nome comum na Palestina do século I (Mt 10,4; 13,55; 26,6; 27,32); daí a necessidade de apelido para distingui-lo (Mt 16,17; 17,25). A convocação que Jesus faz (v. 19) é típica de um profeta (1Rs 19,19-21: Elias chama Elisau). Ser *pescadores de homens*, ou seja, atrair pessoas para o Reino de Deus, é metáfora que indica um trabalho fatigoso, constante e sujeito a contratempos. O verbo *seguir* (v. 22) indica, no caso dos discípulos, a adesão à pessoa e ao projeto de Jesus, que exige uma ruptura radical com

4,4: Dt 8,3 4,6: Sl 91,11s 4,7: Dt 6,16 4,10: Dt 6,13 4,12-17: || Mc 1,14s; Lc 4,14s 4,15-16: Is 8,23-9,1

4,16: Lc 1,79 4,17: Mt 3,2; 10,7 4,18-22: || Mc 1,16-21; Lc 5,1-11 4,19: Jr 16,16; Ez 47,10

imediatamente, tendo deixado as redes, seguiram-no.

21 Tendo avançado dali, viu outros dois irmãos – Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão –, que estavam no barco com o pai deles, Zebedeu, conserutando suas redes, e os chamou. **22** Eles, imediatamente, tendo deixado o barco e o pai deles, seguiram-no.

O anúncio do evangelho do reino **23** Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, proclamando o evangelho do Reino e curando toda enfermidade e toda doença entre o povo. **24** Falava-se dele em toda a Síria; levavam-lhe todos os que estavam acometidos por algum mal, os que sofriam de diversas enfermidades e males, endemoniados, lunáticos e paralíticos; e ele os curava.

DISCURSO SOBRE O REINO DE DEUS
As bem-aventuranças **25** Seguiram-no grandes multidões da Galiléia, da Decápole,

a vida anterior. A renúncia é mais enfática no segundo par de irmãos, porque deixam o pai (Mt 23,9), mostrando, assim, que o discipulado tem primazia sobre os vínculos familiares (Mt 8,18-22; 10,21s.34-37; 12,46-50) e as tradições culturais (Mt 15,3-6).

4,23-24 Estes versículos servem como sumário do que o evangelista vai relatar nos próximos capítulos: os ensinamentos de Jesus (Mt 5-7) e suas curas e prodígios (Mt 8-9). Mateus utiliza *evangelho do Reino* (v. 23) para resumir a mensagem de Jesus (Mt 9,35) e para significar a proclamação que a comunidade eclesial faz de Jesus depois da morte dele (Mt 24,14). A província romana da Síria (v. 24) inclui também a Palestina.

4,25-8,1 O primeiro discurso de Jesus (Mt 5-7) tem um caráter constitutivo. Aqueles que responderam afirmativamente ao chamado necessitam saber como viver sob o reinado salvador de Deus para, assim, ser colaboradores da nova realidade iniciada por Jesus.

4,25-5,2 O seguimento das multidões parece mais esporádico e temporário do que o dos discípulos. A distinção entre esses dois grupos será mantida com clareza (Mt 5,1s; 7,28s etc.). A *montanha* é figura terrena que denota a esfera divina em contato com a história humana; a expressão *subiu à montanha* ocorre repetidamente nos relatos de Moisés, que sobe ao Sinai para receber e depois entregar a lei de Deus a Israel (Ex 19,3; 24,15.18 etc.). Jesus, como Messias e Filho de Deus, promulga o código de sua própria aliança (Mt 26,28), extensiva a toda a humanidade (Mt 7,28).

de Jerusalém, da Judeia e do outro lado do Jordão.

5 **1** Tendo visto as multidões, subiu à montanha. Tendo ele se sentado, aproximaram-se dele seus discípulos. **2** E, abrindo sua boca, ensinava-lhes, dizendo:

- 3** “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.
- 4** Bem-aventurados os que estão aflitos, porque esses serão consolados.
- 5** Bem-aventurados os mansos, porque esses herdarão a terra.
- 6** Bem-aventurados os que têm fome e sede da justiça, porque esses serão saciados.
- 7** Bem-aventurados os misericordiosos, porque esses serão tratados com misericórdia.
- 8** Bem-aventurados os puros de coração, porque esses verão a Deus.

5,3-4 Mateus apresenta um conjunto estruturado de bem-aventuranças. As oito primeiras repetem o esquema: *Bem-aventurados os que...* (opção, situação ou atividade, no presente), *porque a eles...* (promessa, no futuro, exceto nos versículos 3 e 10). Na visão bíblica, o *espírito* (v. 3) humano denota interioridade que se manifesta em atos de conhecimento ou de vontade. Decidir-se voluntariamente pela pobreza (v. 3) prepara o discípulo para assumir a graça divina, porque a renúncia ao acúmulo de bens exclui da vida a prática da idolatria e da injustiça (Mt 6,19-24); tal opção individual é porta de entrada para alguém se tornar membro da comunidade da nova aliança. Inspirado em Is 61,2s, *aflitos* (v. 4) denota dor que se exterioriza no pranto; em sua perspectiva estão os que são vítimas da opressão, cujo fim o profeta anuncia chegar nos tempos do Messias (Is 61,3-11); a forma passiva do segundo verbo do versículo 4 (*serão consolados*) implica Deus como agente (vv. 6.7.9) e pressupõe aqueles que já vivem sob seu reinado (Mt 5,13-16).

5,5-10 O versículo 5 é citação quase literal de Sl 37,11; o salmo utiliza a palavra *mansos* para indicar os que foram, injustamente, desapropriados da terra dada em herança a cada israelita e que deviam, por isso, submeter-se à vontade alheia para sobreviver (Is 5,8); restituir a *terra* simboliza a possibilidade de exercer a liberdade e, portanto, de viver a plenitude da dignidade humana. A *justiça* (v. 6) refere-se ao tipo de inter-relação humana exigida por Deus para a construção de seu Reino (Mt 5,20; 6,1); a

4,23: Mc 1,39; Lc 4,14s.44 **4,24:** Mt 8,28; 9,1; 17,14; Lc 6,17 **5,3-10:** Lc 6,20-26 **5,3:** Is 61,1; Lc 6,20

5,4: Is 61,2s; 2Cor 1,4-7 **5,5:** Sl 37,11.29 **5,6:** Sl 107,5.8s; Am 8,11; Lc 6,21 **5,7:** Pr 14,21; Tg 2,13 **5,8:** Sl 24,3s; 73,1

9 Bem-aventurados

os que trabalham pela paz,
porque esses serão chamados
filhos de Deus.

**10 Bem-aventurados os perseguidos
por causa da justiça,
porque deles é o Reino dos Céus”.**

A marca dos discípulos **11**“Bem-aventurados sois vós quando vos insultarem, vos perseguirem e, mentirem, disserem todo mal contra vós por causa de mim. **12**Exultai e alegrai-vos, porque vossa recompensa é grande nos céus! Pois do mesmo modo perseguiram os profetas que vos precederam.

13Vós sois o sal da terra. Mas, se o sal se tornar inosso, com que ele será salgado? Já não serve para nada, senão para ser jogado fora e pisoteado pelos homens.

14Vós sois a luz do mundo. Não se pode ocultar uma cidade situada no alto

felicidade consiste naquilo que se faz de forma vital para os outros. A *misericórdia* (v. 7) manifesta-se por meio de ações concretas de assistência a quem não pode retribuir; é atitude que Deus exige de seu povo (Mt 9,13; 12,7; 23,23; 25,35s). O *coração* (v. 8) denota a interioridade do homem (convicções, atitudes); *purros de coração* indica integridade interior externada no comportamento sincero (Sl 24,3s); o verbo *ver* (v. 8) indica experiência de Deus, possível e atual, a ser realizada pelas pessoas íntegras. Buscar e realizar ações que favoreçam harmonia, prosperidade e justiça social (v. 9) tornam o ser humano semelhante a Deus (Mt 5,43-48; 8,12). A perseguição (v. 10) da nova comunidade do reino é uma possibilidade extrema, mas não é vista como fracasso (Mt 10,16-39; 22,6; 23,29-36; 24,9-13). A última bem-aventurança (v. 10) completa a primeira; o círculo fecha-se com a segunda frase também no presente: Deus reina efetivamente no grupo que aceita a opção proposta e mantém-se fiel a ela (vv. 3,10), que se compromete com os novos valores (vv. 7-9) e que se empenha a favor dos que perderam sua dignidade (vv. 4-6).

5,11-16 Os versículos 11-12 explicitam a última bem-aventurança (Mt 5,10); a perseguição dos profetas é tema afirmado e exemplificado no Antigo Testamento (2Cr 36,16; Jr 20,10; Am 7,10-12 etc.), e o próprio Jesus o descende (Mt 21,34-36; 23,29-36); a comunidade fiel a Jesus torna-se voz profética e, portanto, sujeita à perseguição. O *sal* (v. 13) é essencial para a vida (Eclo 39,26); por suas propriedades conservantes e purificantes, servia como sinal de permanência e lealdade à aliança (Nm 18,19; 2Cr 13,5; Esd 4,14); a exemplo do sal, a comunidade dos discípulos encontra sua

de uma montanha. **15**Do mesmo modo, não acendem uma lâmpada para colocá-la sob o cesto, mas no candelabro, para assim iluminar a todos na casa. **16**Comece, assim, vossa luz a brilhar diante dos homens, para que, vendo vossas boas ações, glorifiquem vosso Pai, que está nos céus!”

O pleno cumprimento da Lei **17**“Não penseis que vim para anular a Lei ou os Profetas. Não vim para anular, mas para cumprir. **18**Amém, eu vos digo: até que passem o céu e a terra, não passará um iota ou um simples acento da Lei, até que tudo aconteça. **19**Aquele que se isentar de um só desses mandamentos menores e ensinar assim aos homens será chamado menor no Reino dos Céus; mas aquele que os praticar e ensinar será chamado grande no Reino dos Céus; **20**pois eu vos digo que, se vossa

razão de existir enquanto exerce influência benéfica na sociedade. A *luz* (v. 16) define a qualidade e o alcance das obras dos seguidores de Jesus (Mt 4,16), as quais se tornam sinais da verdadeira fonte: o *Pai, que está nos céus* (Mt 5,48; 6,1.9.14.26.32; 7,11); a metáfora do *pai* (v. 16) supera a do rei e dá profundidade e riqueza ao conceito de discipulado.

5,17-20 O verbo grego traduzido por *cumprir* (v. 17) significa tanto aplicar literalmente a lei (ver as citações de cumprimento: Mt 1,22; 2,15 etc.), mas também completar, levar à completude; com efeito, para Mateus, a Lei e os Profetas olham para um tempo de plenitude (Mt 11,13), que vem com a morte e ressurreição de Jesus; até então, a missão dele permanece no âmbito da lei, diante da qual ele se constitui seu intérprete definitivo (Mt 5,21-47). O *iota* (v. 18) é a menor letra do alfabeto grego. A palavra hebraica *amém* (v. 18), que denota “firmeza”, “fidelidade”, geralmente conclui frases litúrgicas (1Cr 16,36; Ne 8,6; Rm 11,36; 1Cor 14,16); no início de frase (“amém, eu te/vos digo”), com caráter de autoridade, somente se verifica em afirmações de Jesus (Mt 5,26; 6,2; 13,17 etc.). A palavra *Lei*, sozinha, também é usada para referir-se ao Antigo Testamento como um todo (Lc 10,26; Jo 12,34; Rm 3,19). Os mandamentos menores (v. 19), expostos por Jesus nas bem-aventuranças, são normativos para os membros da nova aliança. *Ser chamado menor/grande* (v. 19) é expressão judaica para indicar pertença ou exclusão. A prática do compromisso assumido pelo discípulo (justiça/fidelidade [Mt 5,6.10]) deverá superar o legalismo de líderes religiosos, que se contenta com guardar normas. *Entrar no reino* (v. 20)

justiça não exceder a dos escribas e fariseus, com certeza não entrareis no Reino dos Céus”.

Jesus, novo intérprete da Lei **21**“Ouvistes o que foi dito aos antepassados: *‘Não matarás’*, e que o assassino responderá diante do tribunal. **22**Mas eu vos digo: todo aquele que se enfurecer com seu irmão será chamado em juízo; e aquele que disser para seu irmão ‘imbecil’ responderá diante do Sinédrio; e quem o chamar de louco merecerá o fogo da Geena. **23**Portanto, se estiveres apresentando tua oferta no altar e ali recordares que teu irmão tem algo contra ti, **24**deixa ali tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois volta e apresenta tua oferta! **25**Chega rapidamente a um acordo com teu oponente enquanto ainda estás com ele a caminho do tribunal! Senão o oponente te entregará ao juiz, o juiz ao oficial, e serás lançado na prisão. **26**Amém, eu te digo: não sairás dali até que tenhas pagado o último quadrante.

27Ouvistes que foi dito: *‘Não comerás adultério’*. **28**Mas eu vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher para desejá-la já cometeu adultério com ela em seu coração. **29**Se teu olho direito te escandaliza, arranca-o e joga-o para

longe de ti, pois é preferível para ti que se perca um de teus membros a que todo o teu corpo seja lançado na Geena! **30**E, se tua mão direita te escandaliza, corta-a e joga-a para longe de ti, pois é preferível para ti que se perca um de teus membros a que todo o teu corpo vá para a Geena!

31Também foi dito: *‘Aquele que repudia sua mulher deve dar-lhe carta de divórcio’*. **32**Mas eu vos digo que todo aquele que repudia sua mulher – a não ser por infidelidade sexual – a faz cometer adultério; e quem se casa com uma repudiada comete adultério.

33Também ouvistes o que foi dito aos antepassados: *‘Não jurarás falso’*, mas *‘cumprirás teus votos ao Senhor’*. **34**Mas eu vos digo: não jureis em absoluto! Não jureis pelo céu, porque é o trono de Deus; **35**nem pela terra, porque é o estrado dos pés dele; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei! **36**Não jures nem por tua cabeça, porque não podes tornar branco ou preto sequer um cabelo! **37**Que vossas palavras sejam simplesmente ‘sim, sim’ e ‘não, não’; o que for além disso é do Maligno!

38Ouvistes o que foi dito: *‘Olho por olho, dente por dente’*. **39**Mas eu vos digo: não resistais a quem faz o mal! Ao contrário, se alguém te esbofetear na face

significa encontrar-se sob o governo de Deus, reconhecendo a realza divina e vivendo conforme seus critérios (Mt 7,21; 18,3; 19,23; 23,13).

5,21-48 A justiça superior exigida dos discípulos é desenvolvida em seis exemplos éticos, com idêntica estrutura: (a) ensino tradicional, (b) ensino contrastante de Jesus e (c) aplicação concreta para reforçar a dimensão ética.

5,21-26 *Sinédrio* (v. 22) designa o Grande Conselho de Jerusalém (Mt 26,59). *Geena* (v. 22) é na origem o nome de um vale na parte sul de Jerusalém usado para sacrifícios humanos ao deus cananeu Moloc e também para a queima de lixo da cidade, razão pela qual as ameaças proféticas de julgamento identificam-na como o vale da matança (Jr 7,32; 19,6) e como o lugar do fogo infernal antecipado (Is 31,9; 66,24); o Novo Testamento também o indica como lugar de punição (Mt 5,29s; 10,28; 18,9; 23,15.33; Mc 9,43.45.47; Lc 12,5; Tg 3,6). *Quadrante* (v. 26) é a moeda romana de menor valor.

5,27-32 O perigo de olhar libidinosamente uma mulher (v. 28) é objeto de muitos ditos judaicos (Jó 31,1; Pr 6,25; Ecl 9,5); criando uma ligação direta entre luxúria e adultério, Jesus eleva o mandamento bíblico (Ex 20,14; Dt 5,18) para um padrão mais rigoroso de ética sexual. A metáfora da automutilação (v. 30) para indicar a seriedade moral dos atos humanos é conhecida tanto em ambiente grego quanto judaico (Jó 31,5.7; Pr 6,16-19). Na fórmula de exceção (v. 32), própria de Mateus, a palavra grega utilizada (*porneia*) se refere a alguma impropriedade de caráter sexual; as relações sexuais da mulher fora do matrimônio, voluntárias ou não, forçavam o marido a divorciar-se dela (Mt 1,19); para a discussão sobre o divórcio, ver Mt 19,3-12.

5,33-48 Para não pronunciar o nome de Deus, os piedosos utilizam termos oblíquos: *céu, terra, Jerusalém* (vv. 34-35). A lei do talião (v. 38; Ex 21,24) equi-para o castigo ao crime, a fim de prevenir excessiva punição, mas Jesus propõe interromper o curso da

5,21: Ex 20,13; Dt 5,17 5,22: Dt 17,8-13; 1Jo 3,15 5,23: Mc 11,25 5,25-26: || Lc 12,58s; 18,3 5,27: Ex 20,14; Dt 5,18

5,29-30: Mt 18,8s; Mc 9,43-47 5,31: Dt 24,1-4 5,32: Mt 19,7; || Mc 10,11s; Lc 16,18 5,33: Lv 19,12; Nm 30,3

5,34: Is 66,1 5,35: Sl 48,3 5,37: 2Cor 1,17s; Tg 5,12 5,38: Ex 21,24s; Lv 24,20; Dt 19,21 5,39: 1Ts 5,15